

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



8 MARÇO
1924

2ª SERIE
Nº 942

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 41 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00, Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: semestre 35\$00, Ano 72\$00.

AS MÃES QUE CUIDAM da saúde dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister, unico alimen-
to completo e que, pelo seu es-
merado fabrico allado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

JORGES MARQUES & C. Lda

R. ARCO BANDEIRA, 159

Gôtas Divinas

Unico producto que torna o
cabelo na sua côr primitiva. Ex-
clusivo da penteadora A MA-
DRILENA.

R. Diario de Noticias, 41. r/c

Maquinas de escrever NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessorios
I. Anão & C., Ltd. R. Fanqueiros,
376, 2. — Tel. 3535 N.

INSTITUTO NACIONAL

DE

Ensino por correspondencia

LARGO TRINDADE COELHO, 6
LISBOA

CURSOS de escrituração por partidas simples e dobra-
das, Contabilidade, Correspondencia Commercial e prática de
Comercio.

A duração dos curso, depende do tempo que o aluno pu-
der dispensar ao estudo, sendo possivel fazer qualquer deles
em três meses, ou em menos tempo.

Não é necessario sair de casa nem prejudicar as ocupa-
ções habituais. Resultados superi res aos que se obteem ge-
ralmente no ensino em classe. Matricula em qualquer dia do
ano. Diploma no fim dos cursos.

O I. N. de E. por Corresp., fundado em Janeiro de 1919,
tem alunos em todo o Continente, Ilhas, Colonias, Brasil, E.
U. da America e outros paises.

Peçam os prospectos, que são fornecidos g atuitamente
com todos os esclarecimentos para a matricula.

OURO, PRATA E JOIAS

Compram e vendem aos
melhores preços

Consultem sempre os nossos
preços

Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda

Séde: Rua de S. Paulo, 31

Sucursal: R. de S. Paulo, 114

Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa
redonda e por lista
Um habilissimo cosinheiro e
magnifico serviço de cosinha



Quando AS CRENÇAS ANDAM MA-
GRAS PALIDAS ABATIDAS, SEMPRE
QUEIXOSAS e SE NÃO DESENVOLVE ou
AINDA QUANDO LHES APARECEM CA-
ROÇOS NO PESCOÇO deve se lhes dar
KLIDINA. Evita se assim que ellas sucum-
bam ás consequencias

do ESCROFULOSO,
do RAQUITISMO,
do LINFATISMO.

KLIDINA

e um composto organico de lodo ao qual
está associado glicerofostato de soda em
perfeita combinação

Substitue o Oleo Figados de Bacalhau
É um Xarope de sabor agradabilissimo

PEÇAM

Klidina

DAVITA, L. DA

81 Rua Eugenio Santos

LISBOA

RELOGIOS DE PAREDE

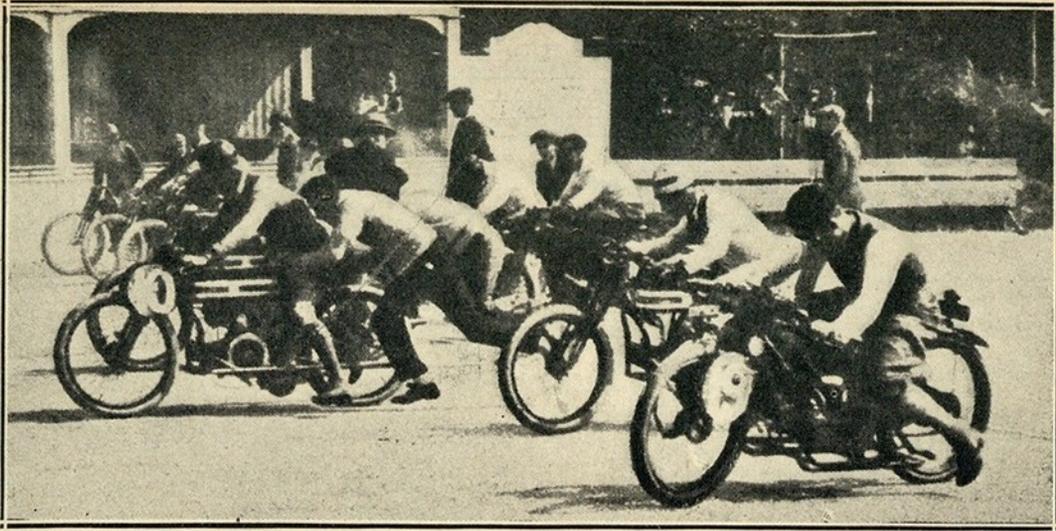
Aos senhores Relojoeiros

ACABAM de chegar da marca Soleil
e Radium. Despertadores de fantasia e Ba-
bys. Fournituras e terramentas para relo-
joeiros, ourives e gravadores.

GRAND SORTIDO

COTRINS & AFONSO, Ltd.ª

Rua da Prata, 175 — Rua 31 de Janeiro, 145
LISBOA PORTO



TODOS OS "SPORTS,"

RREALISARAM-SE no campo de Palhavã, nas tardes de 2 e 4 do corrente, os dois encontros «Athletic-Bemfica, que, no ultimo numero da *Ilustração Portuguesa* anunciamos.

Repetimos as afirmações, que, então, fizemos, no que diz respeito ás vantagens extraordinarias, que ha para os nossos grupos, na realisação de encontros internacionaes, pelos bons ensinamentos, que, por vezes, tem occasião de obter.

Posto que o Athletic Club de Madrid, não seja um pos maiores *azes* do *foot-ball* do paiz vizinho, e ainda se encontre acrescida esta circumstancia pelo facto daquele *onze* madrileno nos parecer enfraquecido, a verdade é que ele proporcionou duas rasoaveis tardes de *association*, dando ensejo a que o adversario — Sport Lisboa e Bemfica — mais uma vez mostrasse a sua forma actual.

Que os clubs de Lisboa não percam a coragem para estas dificeis empezas e continuem promovendo encontros internacionaes, trazendo até nós grupos fortes e homogeneos é o que todos nós desejamos, porque, mesmo, só assim poderemos, comparar o valor do nosso *foot ball* com o estrangeiro.

O Athletic Club de Madrid jogou, em Palhavã com a seguinte linha:

Avançados — Auman, Tuduri, Triana, Ortiz e Luiz Olazo;

Meias-defezas

— Marin, Burdiel e Olarreaga;

Defezas — Pololo (capitão) e Alfonso Olazo;

Guarda-rêde — Barrôso.

O jogo desenvolvido pelo grupo madrileno, ainda que muito desigual — ora acertado, ora desorientado — teve características interessantes. A linha de ataque do «Athletic» faz um jogo despretas, semelhante ao dos nossos grupos, todo baseado em fu-

gidas, nas quais alguns dos seus jogadores são habéis, pela velocidade de deslocação que possuem.

Os meias-defezas ligaram bem com a frente, tendo sobresaído Burdiel, pelo trabalho consciencioso, que produziu, distribuindo jogo com grande acerto.

Na defeza Pololo foi o melhor, podendo, no entanto, afirmar-se, que, juntamente com Alfonso e Olazo, forma uma barreira difícil de transpôr.

Barroso esteve seguro do seu papel, defendendo com serenidade e estilo.

O Bemfica não jogou bem. Teve momentos de desanimo, entrecortados d'algumas excelentes jogadas.

— E' no proximo mez de abril, que organizado pela Comissão Executiva do Monumentos aos Mortos da Grande Guerra, se deve efectuar o primeiro encontro de *foot-ball*, entre as seleções formadas por alunos das escolas superiores de Lisboa e Madrid.

O local indicado para a realisação desta interessante festa desportiva parece ser o campo do *Stadium*.

— A data marcada para a abertura da III Exposição Internacional de Automoveis e Aviação é 23 de maio proximo, e o local, como aliás já foi dito, é o Palacio de Cristal, do Porto. O *comité* organisador que, funcionará sob a presidencia do Chefe do Estado, é constituído da seguinte maneira: Presidente, dr. João

Antunes Guimarães; vice-presidente, B. Carqueja, director do *Comercio do Porto*; dr. Adriano Gomes Pimenta, director de *O Primeiro de Janeiro*; Anibal de Moraes, director do *Jornal de Noticias*.

Directores: Francisco José Ferreira de Lima, Jorge Novaes, Abel Pego Fiuza e Fernando de Brito.

Comissario geral: Oliveira Valença.

D. C.



A seleção de Coimbra, que nos dois encontros, jogados nos dias 17 e 24. do passado mez, bateu a seleção da Figueira da Foz, por 3-1

CAPA—Os interessantes meninos Mario Fernando de Figueiredo Simões do Rosario (2 anos) e Maria Amelia de Figueiredo Simões do Rosario (3 anos) filhos da sr.^a D. Julia Gabriela Figueiredo Simões do Rosario e do nosso amigo sr. Mario do Rosario, secretario do Conselho de Administração da Sociedade Nacional de Tipografia

(Cliché Silva Nogueira, Fot. Brasil.)

Silva Poética

ALVORADA NO CAMPO

(AO PRECLARO AMIGO JOSÉ RIBEIRO FREIRE)

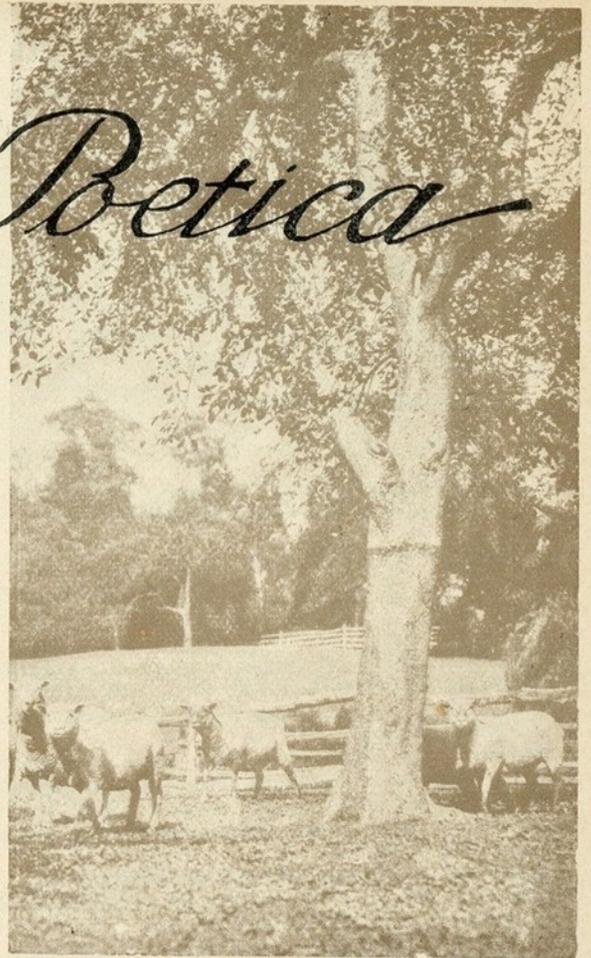
Nos casaes, os galos cantam a alvorada,
ao plebeu dizendo que a manhã é vinda.
O ganhão desperta, e, sobraçando a enxada,
atravez dos campos marcha, de longada,
ao romper do dia, mal se vendo, ainda.

Do Levante, a aurora vem raiando, bela,
nos floridos prados canta a cotovia,
emudece, o canto, a meiga filomela,
nas frondentes arvor's que a alvorada estrela,
orquestreiam aves a saudar o dia.

A pascer o gado, fresca, juvenil,
a pastora grácil, abandona a choça,
serrania ávante, de aprumado hastil,
a tocar na avêna, uma canção de abril,
o rebanho guia a zagalinha moça.

Pela estrada em fóra, os carros vão chiando,
numa cantilena triste e gemedora,
são os bois enormes, lentos caminhando,
pachorrentamente, mugem, ruminando,
com olhares ternos de alma sonhadora!

Nas aldeãs ermidas tangem a matinas,
do caminho em meio, o povo ajoelha e reza.
A's primeiras horas, algo matutinas,
moirejando alegre, as gentes campesinas,
prestam rude culto á fertil Natureza.



De entre os loiros trigos as moçoilas cantam
regionaes modinhas, dum sabor dolente.
Os costumes simples dessa gente encantam.
Na labuta insana, sol a sol, descantam
do nascer do dia té ao sol ponente.

Gemem noras, latem cães. Vital função
pouco a pouco anima e toma movimento,

.....
Mas, que de trabalhos, que trabalhos dão
os labor's no solo, p'ra criar o pão,
entre nós, humanos, principal sustento ?!

.....
.....

A Natura surge, em todo o seu esplendor,
do arrebol formoso á purpurina luz!
Paulatinamente, Fébo creador,
derramando em torno, viva luz, calor,
sobre a Terra espalha jorros d'ouro, a flux!

ARTUR SANTOS CAMARA,



O Lar

PASCOA FLORIDA

O céu dum azul limpo e profundo, parece querer recordar-nos que se aproxima a época em que os sinos enviam o seu alegre repicar, num desejo de boas festas, e os lilazes olorosos fazem ascender o seu suave aroma até ao trono de Deus, num hino de agradecimento, ao dom precioso que Ele nos fez de seu Divino Filho.

A Pascoa assim como o Natal é uma festa em que os homens se aproximam num anseio de estreitamento de relações; em que não é apenas a boca que formula palavras de bons desejos, mas também o coração que as dita.

E se até os indiferentes queremos que sejam felizes, com quanto maior fervor os nossos desejos se dirigem para o amigos. Toda a ternura resente a necessidade da exteriorisação, e portanto, nessas ocasiões, a nossa toma a forma de pequenos brindes, de cartões de fantasia, de bilhetes ilustrados, que muito maior valor adquirem quando preparados e feitos por mãos amigas.

Como é tempo de iniciar esses trabalhos pascoaes, pois a Quaresma, grave e recolhida, já entrou o limiar, quero lembrar algumas ideias ás minhas leitoras.

Os cartões desenhados á mão estão em grande apreço para marca de livros. Tiras compridas de um papelão fino e flexivel facilmente se entalam entre as folhas, marcando a passagem predilecta sem estragar nem desfeiar o volume. Os desenhos devem ser escolhidos conforme o gosto da pessoa para quem são destinados.

Pode-se escrever nas tiras uma quadra popular ou um pensamento de autor conhecido, ao qual o desenho corresponda.

Para os que se interessem mais pela natureza do que pela literatura, pinta-se uma paisagem, e, para os amadores de animaes: cães, gatos, cavalos, etc.

Estas marca também ficam bem em cabedal franjado.

Os bilhetes ilustrados sobre fundo preto estão sendo muito populares, mas os mais originaes e mais encantadores são copias de quadros, feitas sobre um papel grosseiro, com aspecto de tela, e pintadas a cores muito suaves, imitando tapeçaria antiga. Os assuntos para essas copias escolhem-se propositadamente entre os que falam da velha, muito velha, mas sempre moça historia, do Amor.

UMA SILHUETA FLEXIVEL

Muito poucas senhoras aguentam bem, depois dos quarenta anos, os modernos vestidos *forreaux*.

Porquê? Simplesmente porque lhes falta a elasticidade de figura indispensavel á queda suave das linhas direitas. Mas, o mal, não é irremediavel. Pode obstar-se a essa especie de ferrugem que os nossos membros adquirem com a idade, praticando o seguinte exercicio tres vezes por semana, durante dez minutos:

Colocamo-nos muito erectas, com as pernas bem separadas, os pés para fora e as mãos nas ancas; inclinamos o corpo primeiro para a esquerda, depois para

a direita, repetindo os movimentos dez ou doze vezes. Depois, curvamo-nos para a frente, como em profunda saudação, atirando em seguida o corpo para traz, tanto quanto possivel.

Todos estes movimentos são feitos da cintura para cima, sem espartilho nem cinta.

Se formos regulares nesta gymnastica, não só a elegancia aproveitará como também a saude, porque o reumatismo não conseguirá apoderar-se das nossas juntas flexiveis.

CADEIRA DE BALOUÇO PARA CRENÇA

Tenho uma amiga americana. O mesmo é dizer que conheço alguém activo, alegre e cheio de ideias novas. Ha dias fui visita-la; encontrei-a sentada a bordar ao pé da janela e, junto dela, uma pequenina balouçava-se, com um ar de supremo contentamento, numa cadeirinha especialmente adaptada para seu uso.

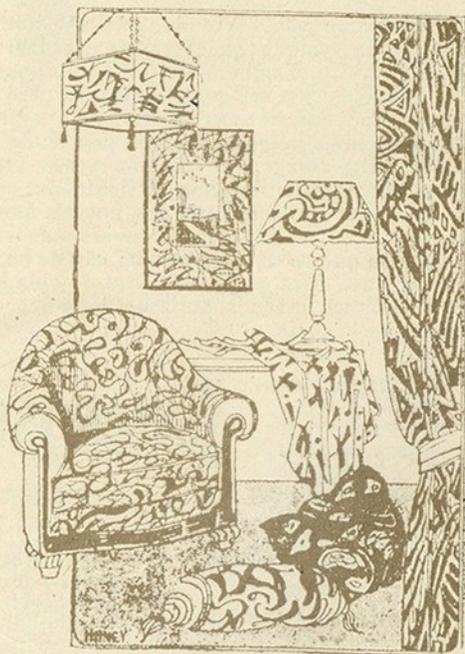
A cadeira era feita de lona forte, colocada sobre uma armação em tudo semelhante á das outras cadeiras de balouço. Na lona havia dois burados por onde as pernitias se enfiavam para evitar qualquer desequilibrio, devido a um movimento mais brusco. Como vêem, simples e pratico.

Ahi fica o alvitre para as mããs que desejarem dar um prazer aos seus pequeninos.

A VAGA DAS DECORAÇÕES EM BATIK

O batik está em grande voga, formando uma variante agradável aos motivos floraes.

Encontram-se os caracteristicos desenhos do batik em almofadas, molduras, quebra-luzes e reposteiros.



E' uma invasão, como as minhas queridas leitoras poderão vêr da gravura que nos mostra o canto de uma

MENÚS DA SEMANA

Domingo
Almoço Grão cozido com azeite Frango de caldeirada Cacau
Jantar Sopa de pevides Pastelão de meudos Perna de carneiro em papalotes com brocoltos Sonhos de maça
Segunda-feira
Almoço Chispe de porco com batatas Ovos á bechamel com salada de beterraba Café com leite
Jantar Sopa de cebola com leite Pão recheado e alface Coelho enrolado Batatada

Terça-feira
Almoço Feijão encarnado guisado Carne com molho de vilão Café ou chá
Jantar Sopa de pão á portugueza Carné á moda burgueza Quarto de vitela com geleia Empadilhas de grão

Quarta-feira
Almoço Dobrada com salchichão Carne com manteiga Cacau
Jantar Sopa de couves Goraz de fricandó Mãos de vitela de vinagreta Bolhetos de queijo branco

Quinta-feira
Almoço Peixe frito com chicória Molejas de vitela em fórnas Café com leite
Jantar Sopa á hearneza Linguado com herbas Rim guisado com molho de ovos Geleia de maçãs

Sex a-teira
Almoço Chocos abafados Cebolas recheadas Café ou chá
Jantar Sopa á caçadora Ruivo grelhado com molho salmís Lingua com queijo Naia de amendoas
Sabado
Almoço Orelhas de porco estufadas e puré de legumes Ovos com presunto Café com leite
Jantar Sopa á frade cruzio Surdinha de escabeche Carneiro marinado Sonhos de batata doce

apaixonada por esse género, um pouco futurista.

GUIA DO PINTOR FUTURISTA

Compra-se um chapéu de fôrma excentrica e veste-se um fato que dê nas vistas. Misturam-se, num balde, tintas de variadas côres. Arranja-se uma tela, que se coloca a dez passos de distancia, atirando-se-lhe para cima mancheias da mistura do balde.

Nos espaços da tela que fiquem em claro desenham-se paralelogramas.

Põe-se o titulo de «Ego de Eva vibrando para fóra do Paraizo» e expõe-se num salão de pintura, classificando o de quadro futurista.

O autor achou distico. Ao vê-lo, exclamarão todos: «Sabes, aquele é F..., o pintor futurista. O quadro dele é maravilhoso, só as pessoas inteligentes o podem entender. Eu fiquei encantado com ele.»

(Do Sketch.)

UMA MANEIRA DE GANHAR A VIDA

Nos tempos que vão correndo, não são apenas os desherdados da fortuna que teem de procurar fôrma de ganhar dinheiro. Tambem muitos dos antigos ricos veem-se a braços com serias dificuldades para continuarem gozando das mesmas regalias que usufruíram até aqui. Mas, essas pessoas, a quem, não tendo nunca trabalhado, falta coragem e, quantas vezes até, habilitações, encontram enorme dificuldade em encontrar qualquer processo por que possam aumentar os seus rendimentos. Ha dias, conversando sobre o preço fabuloso que se dá hoje por um cão de boa raça, lembrei-me que, para quem vive fora da cidade, tem grandes jardins ou terrenos, seria um bom negocio fazer criação de cães de raça pura ou aperfeiçoar-lhes a raça.

Quem se dispuzesse a entrar neste ramo de commercio teria de estar informada da voga do dia, indagando qual a qualidade que tinha mais oferta no mercado, porque é evidente que o preço sobe ou desce conforme a procura do artigo. O primeiro passo a dar seria, portanto, fornecerse de alguns exemplares da raça em moda, procurando, cautelosa-

mente, não ser enganada sobre a sua genealogia e escolhendo, caso fosse possível, animaes tendo ganho premio em qualquer exposição. Mesmo assim, corre-se o risco da descendencia não ter todas as características da raça; no emtanto, mesmo estes exemplares imperfeitos obteem um alto preço, mas, tratando-se de um cachorro de raça pura, tendo todos os traços da especie, a quantia que se pode receber é pasmosa.

Quando uma creadora de cães os quizer vender faz anuncios, mas nunca os expõe, porque é de temer que os animaes, sujeitos a transportes, a mudanças de ar e de comida, apanhem qualquer doença que a faça perder mais do que o ganho que lhe dêsse o preço mais elevado que se obtem nas exposições.

No caso a que me estou referindo, isto é, a criação de cães em pequena escala, para auxilio de despezas caseiras, «para alfinetes», como o povo diz», é de aconselhar as raças pequenas, porque as grandes exigem mais sciencia, mais cuidados e mais despezas.

As condições essenciaes de exito são: canis ventilados e claros, alimento aseado—depois de cada refeição os restos atirados fóra—camas limpas e exercicio diario para conservar os animaes bem dispostos e saudaveis.

Alguns rudimentos de sciencia veterinaria serão de grande vantagem, especialmente não havendo profissionaes nos arredores.

Ao mesmo tempo que dá lucro, é de grande distracção, porque os cães são de uma affectuosidade e intelligencia invulgares.

PENSAMENTOS

E' o lenço da mulher que enxuga as lagrimas do homem, são os seus dedos que transformam em corôa de rosas a sua corôa de espinhos.

Símões Dias

O coração da creatura nasce sujo e fica sujo em quanto a gente não chora e o coração não sente.

Catulo Cearense

Ainda ha-de nascer a primeira mulher que saiba, ao certo, porque amou e porque deixou de amar.

Julio Brandão

Arrufos de namorados são redobrados amores.

Popular

CALENDARIO DA SEMANA

Março — 31 dias

- 9 — Domingo — Sta. Francisca.
- 10 — Segunda-feira — S. Militão.
- 11 — Terça-feira — S. Constantino.
- 12 — Quarta-feira — S. Gregorio.
- 13 — Quinta-feira — S. Rogerio.
- 14 — Sexta-feira — Sta. Matilde.
- 15 — Sabado — S. Zacarias.

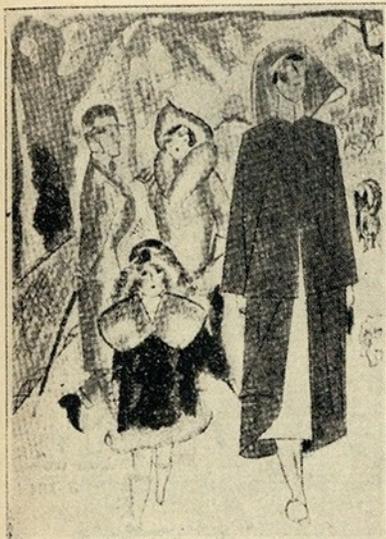
Seara



alheia

O cicerone— Esta terra, meus senhores e minhas senhoras, oferece, sobretudo, a particularidade de nunca se ter realizado aqui nenhuma conferencia internacional!

(De *Le Rire*.)



— E' extraordinario! Uma creanca tão pequenina e tão bem educa'da!
— Não admira... convive pouco com os paes, sempre entregue aos cuidados das creadas...

(De *Le Rire*.)



Apoz o comício eleitoral

A mulher do candidato— Não posso mais! Estou fatigadissima!
O candidato— E não tiveste, como eu, que pronunciar quatro discursos!
A mulher— Mas tive que os ouvir!

(De *London Opinion*.)



O PROPRIETARIO (curto da vista)— Vocemecê não sabe que, este terreno, tem dono e que, o dono, sou eu?! Fóra d'ahi!

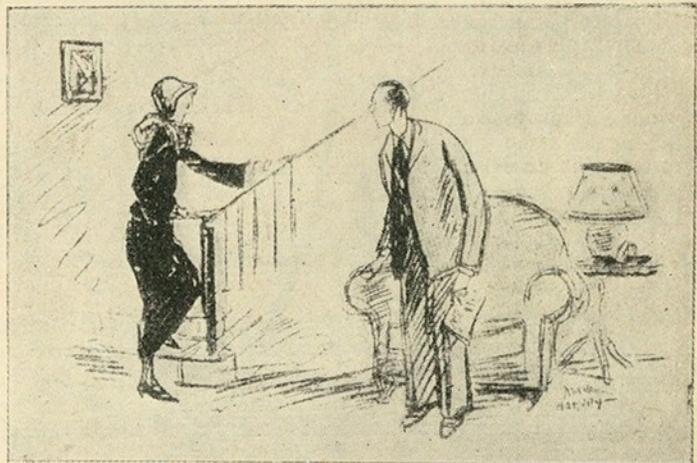
(De «*The Humorists*».)



O adeus do padeiro

A creada— Estupido! O que vale é que ninguem viu ele beijar-me!

(De *Sketch*.)



O MARIDO— Já de volta ?!

A MULHER— Venho mudar de vestido porque estes sapatos estão-me muito apertados...

De «*Lifes*».)



HINO JAPONEZ

Allegro
(Chant des Rameurs)

PIANO dolce

Piu mosso *Tempo I^o*

dim *p.* *pp.* *p.* *Ped.*

dim *pp.* *crus.*

riten. *ff* *mf* *dim*

ff *dim* *to.* *to.*

Piu stretto

ff *Ped.* *Ped.* *Ped.* *Fine.*

NOTA—Já estão publicados na nossa coleção de ninos e cantos nacionais, os seguintes: «A Portuguesa» («Ilustração» de 17 de fevereiro de 1923), «Hino Brasileiro» (10 de março), «A Marselheza» (14 de abril), «Hino Espanhol» (26 de maio), «Hino Inglez», (22 de setembro), «Hino Norte-Americano» (17 de novembro) e «Hino Italiano» (12 de janeiro de 1924)

Guida

A' M. D. H. P.

A Guida morreu ontem.

O seu ferretosinho branco, coberto de rosas brancas, passou agora mesmo á minha porta sob o meu olhar aguado e triste. Pobre anjo!

Eu amara profundamente aquella creança. Admirava-lhe a intelligencia, a desenvoltura precoce, a circumspecção das suas palavras, dos seus gestos, e dum modo especial, os seus grandes olhos negros.

Ela pagava-me com equal affecto; eu era o seu «amiguinho do coração».

Quando aos domingos, de tarde, me vinha visitar pela mão da tia velha, a boa Aninhas, tinhamos as nossas horas intimas — eu no papel forçado de conselheiro e especialista de bonecas e respectivos adreços, Guida escutando de grandes olhos abertos. D'outras vezes davamos grandes passeios pela estrada longa que se estende e perde por detraz dos montes, ou metidos no bote, que deslisava na superficie espelhenta do rio, pairavamos ao largo, sob o vôo das gaiotas.

Guida era algo caprichosa com a sua *toilette*. Contudo, ultimamente, por saber que me era agradável, trazia sempre um costume á maruja que eu recomendára aos papás e que lhe ficava lindamente.

No dia dos seus cinco anos ofereci-lhe uma boneca — uma linda boneca de porcelana, de olhos grandes e negros como os de Guida.

E querem saber a loucura que semelhante oferta causou na minha amiguinha? Foi como a maxima prova que eu lhe dêsse do meu affecto. Chorou de alegria, abraçou-me, beijou vorazmente a boneca e colocou-a, como uma rainha, no trono, no meio da côrte numerosa das que já possuia.

Como Guida era rica e os papás jámais negaram a satisfação duma vontade sua, a boneca que fôra crismada com o nome de Margarida — homonima da dona, por meu alvitre — teve um leito doirado e almofadas e cobertas luxuosas onde repousava magnificamente, como uma sultana. De que cuidados e carinhos a boa creança cercara aquele pedaço de materia inerte!

Jámais uma mosca buliçosa e irreverente maculou as faces rosadas daquela boneca, jámais a seda duma fita ou o crepe dum vestido se ostentaram amarrotados no corpo delicado da opulenta Margarida.

Não tinham numero as *toilettes* da boneca e a mamã de

Guida corria as lojas em cata de restos de setim e veludo para satisfazer a perdulardade de semelhante «senhora».

Mas um dia — uma terça-feira aziaga — a boneca de Guida, creio que devido á travessura dum gato felpudo lá de casa, foi atirada brutalmente do leito para o chão e partiu a cabeça! A minha amiguinha, que afflictivamente acudira ao baque, ao deparar com a sua boneca naquele lamentavel estado e notando a medonha cicatriz que lhe ficara na cabeça, rompeu em convulsivo pranto e, adoecendo com febre, recolheu ao leito.

Foi um desgosto em casa. A boa tia Aninhas veio chamar afflicta.

Abeirei-me do leito de Guida; encontrei-a meio adormecida, o pulso febril. A boneca ferida, que ela conservava deitada ao seu lado, parecia pedir-me no seu olhar extatico e penetrante palavras de consolação para a sua donasinha.

A' minha voz a boa creança despertou, olhou-me tristemente, indicando com um gesto vago a cabeça de Margarida, e descaiu para o lado o rosto magoado, onde uma lagrima correu de mansinho.

— Isto não ha-de ser nada — disse eu aos papás de Guida — Entretanto é conveniente chamar o medico. Foi o desastre da boneca que lhe produziu esta comição. Volto amanhã; por agora é melhor não a perturbar.

No dia seguinte lá fui: peorava. Febre alta, espasmos.

— Vae morrer, vera! disseram-me os paes sufocados pela dôr.

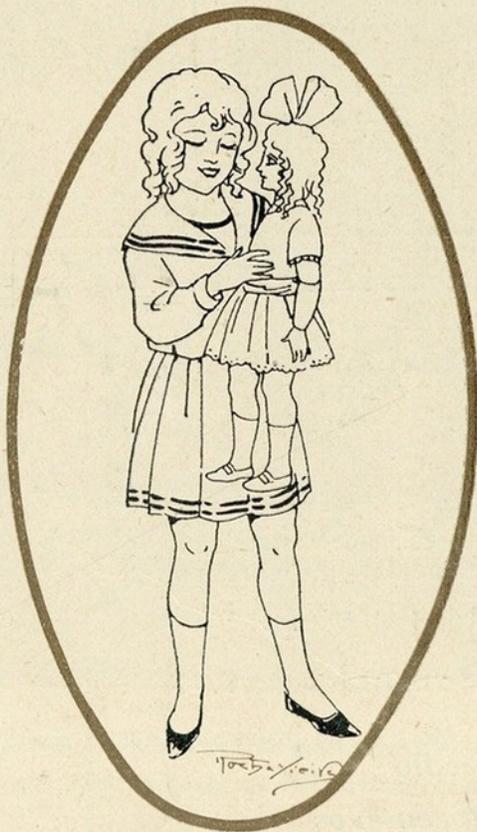
O medico fôra duma franqueza rude.

A constituição fisica da infeliz creança não resistiria, com certeza, ao mal que o facultativo classificara de «muito grave».

Desta vez Guida não me reconheceu e eu separei-me do seu leito cheio da maior dôr. Pois seria possivel que Deus, o Deus amigo das creancinhas, fizesse descer um mal tão pesado sobre aquele fragil corpinho?! Acaso seria humano e justo arrancar ao coração dos paes amantissimos aquele unico fructo do seu amor?

Guida era o enlevo dos papás, a alegria da casa; a imensa graça, a vivacidade que a caracterisavam creavam um amigo em todo aquele que tivesse ensejo de a vêr. A morte daquela adoravel creança viria lançar no luto da mais cruel dôr o coração de todos que lhe queriam.

Nessa noite de lancinante magua, algo desesperançado de vêr restabelecida a minha infantil amiga, não repousei, sobresaltado. Na janela do



meu quarto, olhando a noite escura, parecia ouvir, a intervalos, a nota aguda de gritos aflitivos viajando na aragem, e uma ladainha de prantos sussurrava interminavelmente aos meus ouvidos.

Sentia no coração um pesadelo enorme, um remorso mortificante—para que oferecera eu, a Guida, aquela boneca fatídica, causa essencial da sua doença, da sua provável morte?

Aquele banal e inútil pedaço de porcelana fôra, sem duvida, a origem da desgraça que estava prestes a estalar.

No dia seguinte cumpria-se o prognostico do medico: Guida morreu—morreu sem uma palavra, um abrir d'olhos, um unico gesto, mas na postura em que estava no leito: deitada sobre o coração e a carinha voltada para a boneca que lhe recebeu o ultimo suspiro.

A dôr que neste momento me oprime não me permite particularisar as scenas que então se passaram. O que dolorosamente reconheço é que perdi uma sincera amiguinha, cuja grandeza d'alma fica ahí bem expressa nessas linhas.

O caixãozinho branco da minha querida Guida passou ha pouco á minha porta. Que linda ia ela! Dentre as rosas brancas e os lírios de neve sobresaia o seu rostosinho adoravel, a onda fulva dos seus ca-

belos, as mãos postas. Ao seu lado, junto á sua cabeça—piedosa lembrança de alguém—a boneca que eu lhe oferecera e por amor de quem Guida morreu. Duas bonecas que foram a enterrar...

Minhas duas queridas bonecas! Ia jurar que ao passarem á minha porta no seu leito de flores, vias-abrir para mim os olhos sorrindo num ultimo adeus! Que lindas iam!

Duas alas de meninas vestidas de branco, marchando atraz dum pendão, abriam o cortejo; depois o prior de roquete e estola, resmungando o latim, e ao lado deste o menino do côro, de saia vermelha, sobraçando a cruz de prata; logo atraz o caixãozinho ás mãos tambem de algumas creanças; na cauda, chapéus altos, sobrecasacas das relações do papá de Guida.

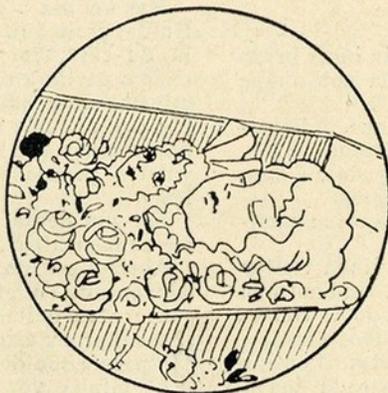
Ao longe repicavam os sinos, o sol morria, e um bando de pombas brancas passou baixo, deslizando de manso para os lados do cemiterio.

A esta hora o coveiro já acabou o seu officio; a terra revolvida foi de novo ocupar o seu lugar e uma noite pesada e fria deve envolver o campo soturno da morte.

Tende medo, fugi d'ahi, minhas queridas bonecas...

Funchal, 1923.

M. A.



= DENTES =

Do estomago, rins, figado e intestinos,

a triticos, obesos e infanticos, nervosos e mentais;

Por graves ou antigos que sejam os vossos padecimentos, **responsabilizo-me da sua cura** por meio dos meus especiais tratamentos NATURO-PSICO-MAGNETOTERÁPICOS.

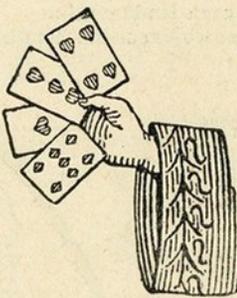
DR. INDIVERI COLUCCI

RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º, E.

(AO INTENDENTE)

TELEFONE 2.788-N.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias v.els das 12 as 22 horas e por correspondencia. Envia r 1\$00 para resposta da carta

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua da Alegria, predio esquina).

ENCICLOPEDIA POPULAR ILUSTRADA

((PORQUE, COMO E PARA QUE))

SAIU O N.º 14:

“A AGUA,,

Breves noções sobre a agua nos seus aspectos meteorológico, geológico, laboratorial, alimentar e higienico por

ANTONIO LIMA

professor de fisica e quimica da Escola Oficina n.º 1

Em todas as livrarias, quiosques, etc., e, na provincia, nos agentes do **Seculo**

Preço avulso, 50 centavos

Volumes já publicados desta Enciclopedia:

- O «Milagreiro», de Nancy
- Maravilhas do Infinito
- Estados Unidos do Brazil
- Gravidez e Maternidade
- A nobre arte
- Como se fala com os outros
- A Fisica em 26 lições
- Boas maneiras
- Os segredos da atmosfera
- Aves de capoeira
- Foot-ball
- Magia e feitiçaria
- Rendas de «Filet»

OS NOVOS MINISTROS



Os srs. drs. Joaquim Ribeiro, Helder Ribeiro e dr. Nuno Simões, respectivamente ministros da Agricultura, da Instrução e do Comercio, que tomaram posse dos referidos cargos no dia 28 do mez findo

(Cliché João Segura.)

O CARNAVAL EM LISBOA: NAS RUAS E NOS BAILES INFANTIS



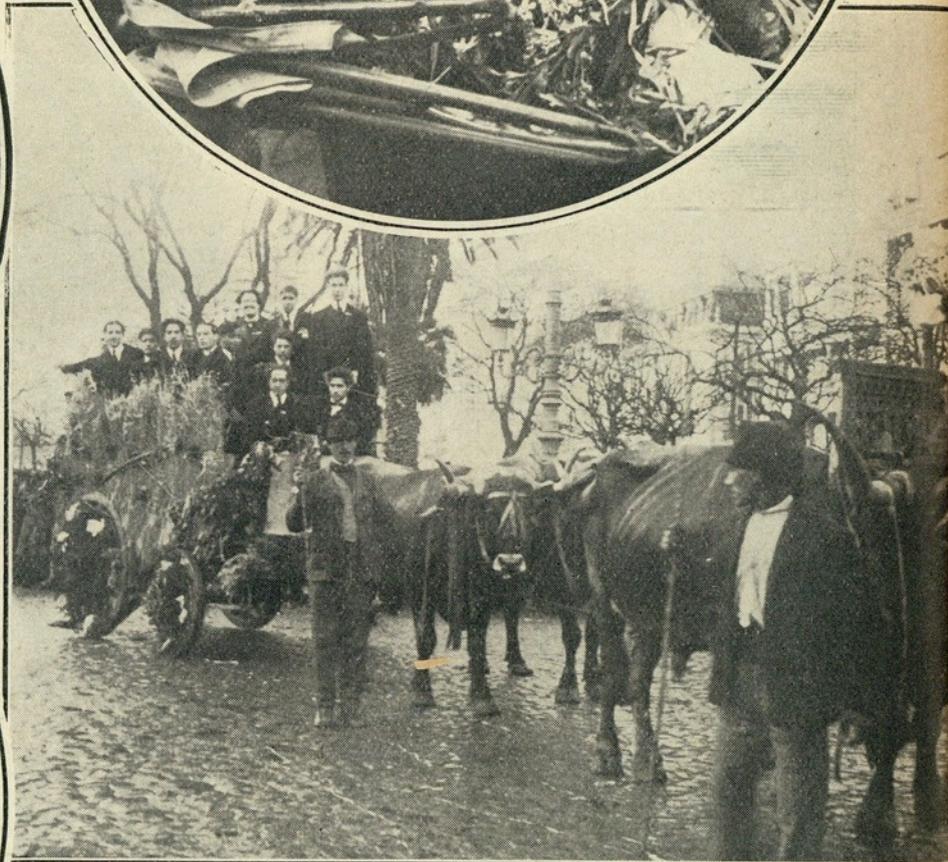
Menina Maria Elena Pinto,
de Ceifeira



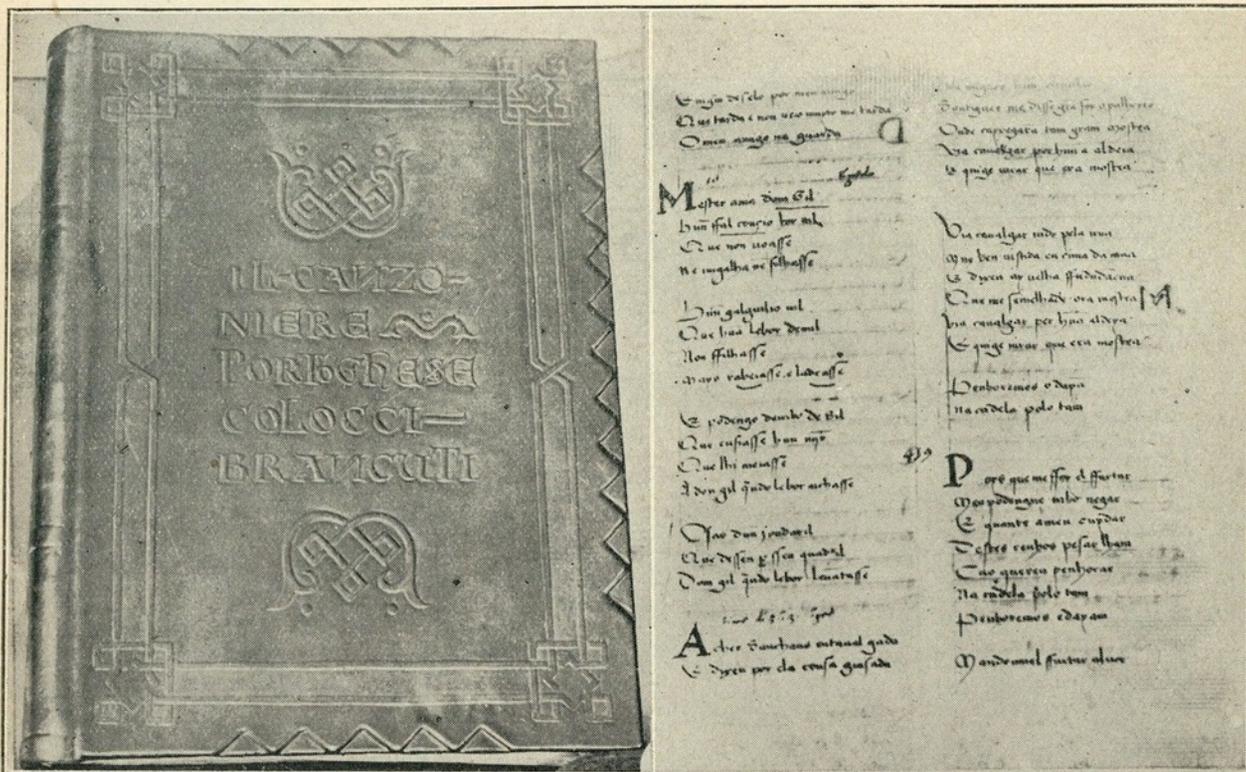
Menino Henriques Mega Go-
dinho, de Clown



Menino José Manuel de Car-
valho Montetro, de Espa-
nhola



O CANCIONEIRO COLOCCI-BRANCUTI



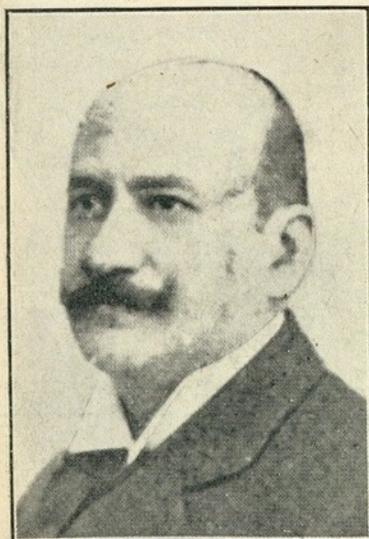
Frontespicio e uma das paginas do precioso codice

O cancionero portuguez medieval Colocci-Brancuti, recentemente adquirido em Roma, mercê dos bons officios dos srs dr. Julio Dantas e ministro de Portugal na capital italiana, entre outras pessoas, deu entrada na nossa Bibliotheca Nacional, conforme a imprensa diaria noticiou e nos termos solemnes em que o fez, no dia 28 do mez findo.

Segundo o douto sr. Leite de Vasconcelos, o referido cancionero contém dois grupos de poesias: umas, que são comuns ao Cancioneiro da Vaticana, impresso diplomaticamente em 1875, por Monaco; outras, que lhe são proprias. As ultimas, preparadas para o prelo, tam-

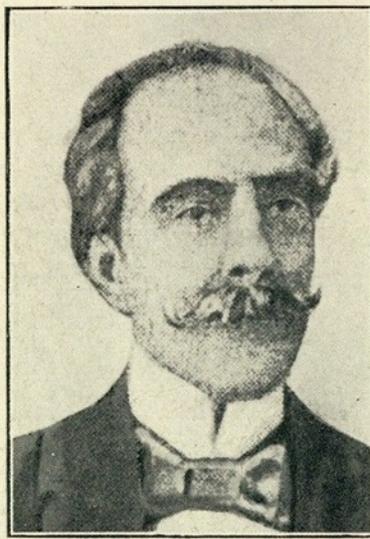
bem diplomaticamente, por Molteni, foram publicadas sob a direcção do mesmo Monaco (porque Molteni falecera antes de levada a publicação a cabo) em 1880; todavia, no texto das poesias, que são comuns ás Vaticanas, existem variantes que convém conhecer, para um dia se poder fazer destas uma edição-critica mais apurada do que a que em 1878 empreendeu, muito á pressa, o dr. Teofilo Braga. O codice agora adquirido possui, portanto, importancia dupla: como tesouro literario que veio enriquecer a nossa Bibliotheca Nacional e como indispensavel fonte de consulta, desde agora posto ao alcance dos estudiosos.

Jaime Victor



Antigo jornalista, poeta, critico dramatico e romancista, falecido em Lisboa no dia 27 do mez findo

Dr. Navarro de Paiva



Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justica e membro da Academia das Sciencias, falecido em Lisboa, na mesma data

General Antonio Costa



Antigo ajudante de campo do rei D. Carlos e preceptor dos principes seus filhos, falecido em Queluz, no dia 28 de fevereiro

A's familias enlutadas a Ilustração Portugueza apresenta os seus sentimentos

CONSUELO HIDALGO



A aplaudida cancionista espanhola que tão grande sucesso está fazendo no Teatro da Trindade, ao desembarcar em Lisboa. A' esquerda (3.º) o proprietário e empresário do referido Teatro, nosso amigo sr. José Loureiro. (Cliché Salgado.)

A HOMENAGEM AO DR. FRANCISCO DOS PRAZERES



O povo da Guarda assistindo á inauguração da lapide e medalhão em honra do benemerito dr. Francisco dos Prazeres, na fachada do hospital civil daquela cidade, comovente homenagem postuma a que já nos referimos no anterior numero da Ilustração

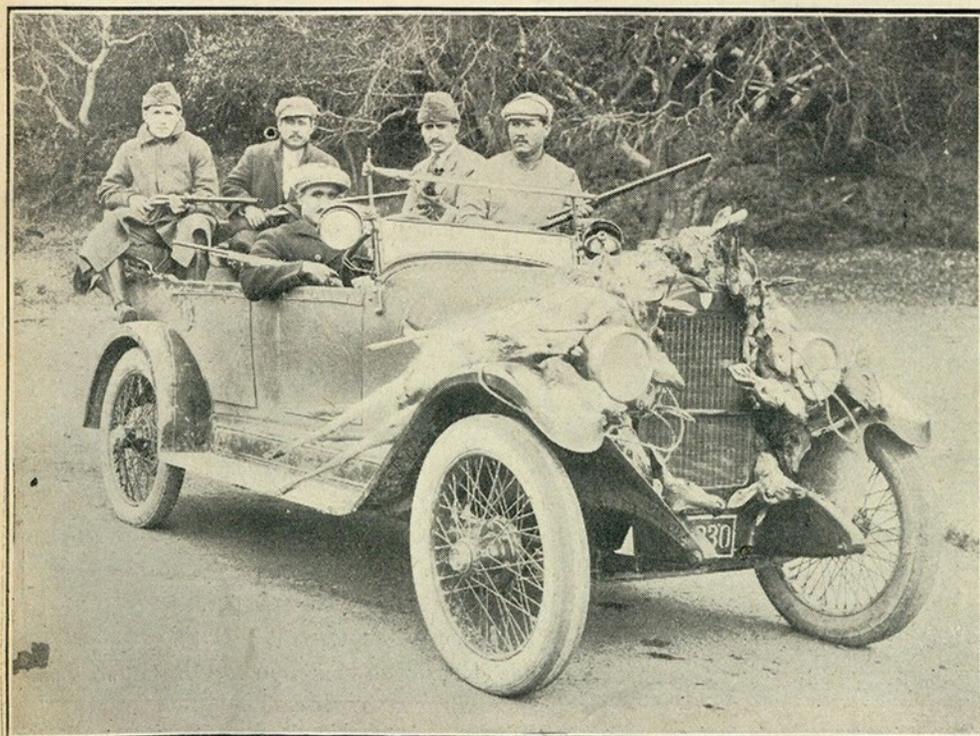
(Cliché Aires, Guarda.)

CASAMENTO ELEGANTE



A sr.^a D. Adelina Estrela Teixeira Rego, filha da sr.^a D. Piedade Teixeira Rego e do sr. João Maria Rego, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, e o sr. Artur Nunes, filho da sr.^a D. Marta Joaquina da Costa Nunes e do sr. Antonio Nunes, já falecidos, cujo casamento se realizou, no dia 23 do mez findo, na capela do palacete da sr.^a D. Beatriz Herculanu Lopes Mesquita Pizarro, madrinha da noiva (Cliché Serra Ribeiro.)

UMA CAÇADA NOCTURNA EM LOURENÇO MARQUES



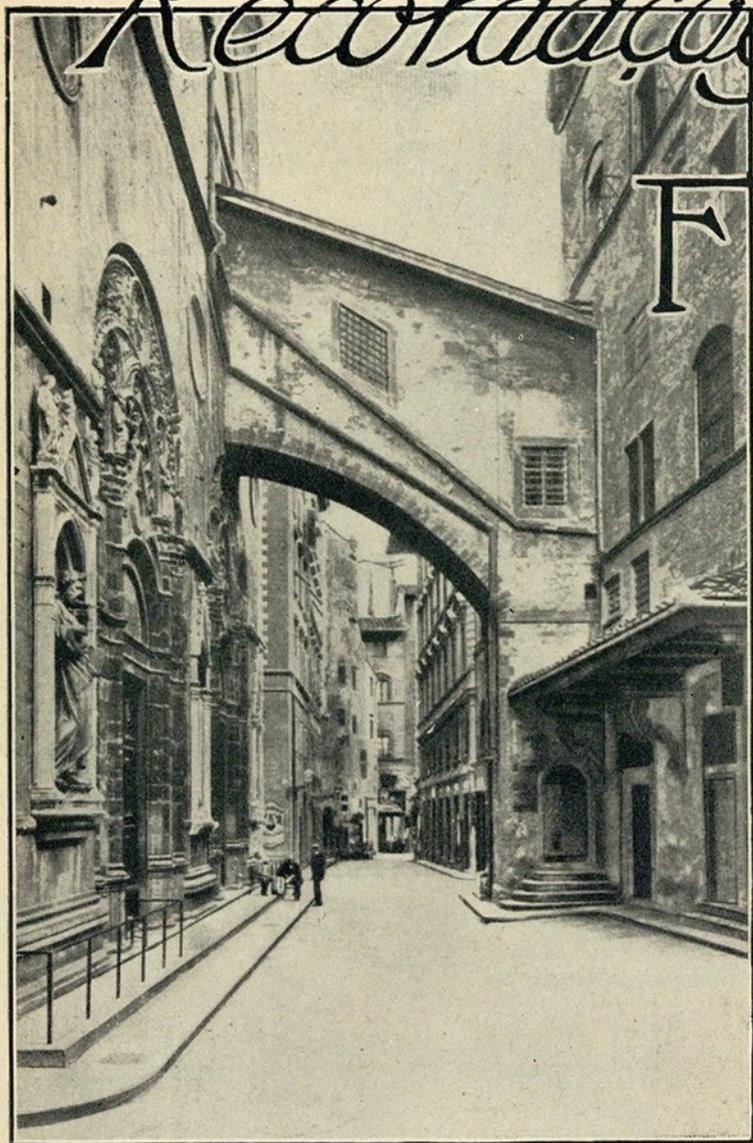
REALISOU-SE das 20 às 24 horas da noite de 10 de novembro do ano findo, na estrada de Lourenço Marques a Goba (fronteira de Suazilândia) a caçada a que se refere a nossa gravura, na qual tomaram parte (na mesma gravura, da esquerda para a direita) os srs.: Benjamin da Rocha Correia, Henrique do Carmo, José Fernandes Lameirão, Antonio Esteves e (ao volante) José Pinheiro,

Este genero de caçada realiza-se nas seguintes condições: o automovel vae munido de dois fortes projectores, ao alcance da mão do *chauffeur* e da pessoa que segue ao lado deste. Com os referidos projectores focam-se as margens da estrada e a caça (cabritos) ahi acaçapada, encandeada pela luz, nem sequer tenta fugir. O trabalho dos caçadores reduz-se a pouco mais que apontarem e dispararem as espingardas.

Assim, na caçada a que nos referimos foram abatidas, em 4 horas, 17 peças de caça, o que representa um verdadeiro record.

Recordações de Italia

FLORENÇA



Egreja de S. Miguel

Florença deixou-me na memoria tão profunda recordação de arte e de beleza, que a dificuldade, ao querer desenrolar o fio d'essas recordações, é escolher as melhores, dar-lhes expressão e vida, porque as recordações são como as saudades, a que andam, quasi sempre, estreitamente ligadas, não se deixam facilmente definir e coordenar: sentem-se, como se sente a magua ou a alegria, aspiram-se como um perfume, mas a memoria mostra-se rebelde quando querem arrancar-lhe um pouco d'esse tesouro e envolve as impressões passadas n'um véu de bruma que as impalidece e afasta no momento em que procuramos traduzilas, como certas melodias que nos cantam, que fixamos, que o ouvido recorda e que a nossa voz não consegue modular e seguir.

Sei que Florença me pareceu incomparavel na sua formosura de joia preciosa, pousada branda-

mente n'um estojo macio de verdura, á dôce luz do céu de Italia e com tantas maravilhas de arte espalhadas ricamente, prodigamente, pelas ruas e praças, que os olhos de todos se enamoram e encantam.

A paisagem de Florença é deliciosa: a cidade eleva-se nas margens do Arno e tem por moldura uma parte dos Apeninos e dos montes Chianti, que lhe fornecem os afamados vinhos.

E *Firensi* a linda cidade dos Médicis, sobe molemente, pelas colinas frescas, até Fiesole e ali a vista alonga-se pelo horisonte suavissimo ou desce ao vale em que repousa enlevada.

«Em parte alguma — diz Anatole France — a natureza é a tal ponto subtil, elegante e fina. A paisagem tem a beleza d'uma medalha antiga

e d'uma pintura preciosa».

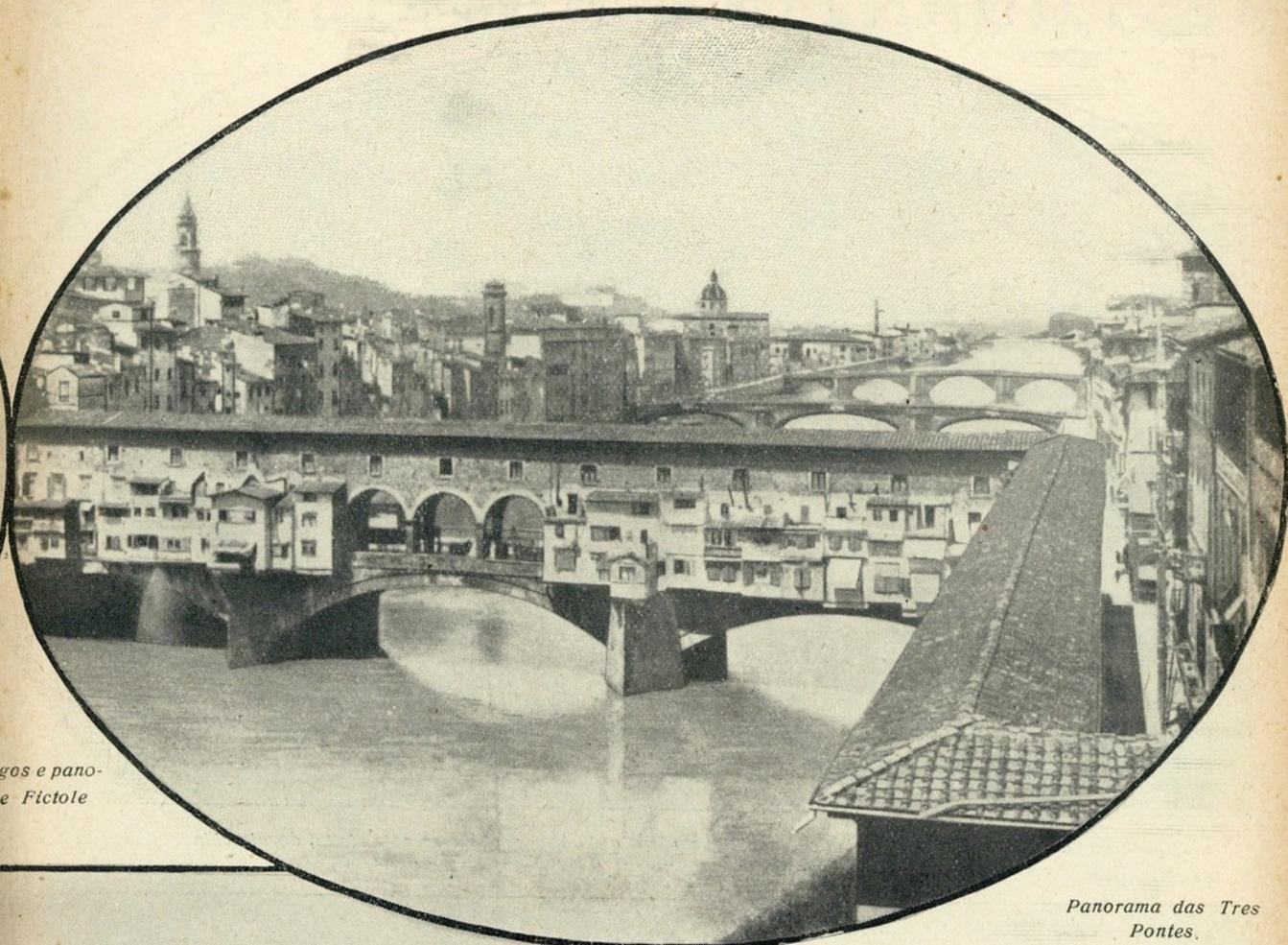
Compreende-se bem que Leonardo Vinci e Miguel Angelo, dois toscanos, fossem expandir e aperfeiçoar o génio que os inspirava e sonha-se o esplendor florentino em 1506, quando ali trabalhavam não só o rude Miguel Angelo e o ironico Leonardo, mas tambem o belo Rafael, Fra Bartolomeu, Piero de Cosimo e Andréa del Sarto.

Florença dá-nos artistas requintados, perversos e crueis como Benvenuto Cellini e doces almas crentes que procuram na arte o caminho que mais aproxime de Deus, como Fra Angelico.

Dante ali nasceu e Florença parece-nos, realmente, o digno berço d'um poeta imortal, tão admiravelmente ali se fundem a natureza, a arte e a raça, n'um acordo esplendido! Nada é apagado nem banal. O rosto do mais humilde florentino tem não sei que estranha aristocracia nativa, na grave



*Piazza della Signoria
e Palacio Velho*



*S. Domingos e panora-
ma de Fictole*

*Panorama das Tres
Pontes.*

nobreza das linhas. O mais pequeno trecho de paisagem seduz e prende.

E a cidade?... Quem pudera consagrar-lhe longos mezes de profunda contemplação!

A velha *piazza della Signoria*, que não mudou de aspecto desde 1386, com o seu *Palazzo Vecchio* e a sua *Loggia dei Lanzi* povoada de esculturas de Benvenuto, Donatello, Bologne, só essa linda praça evocadora, com a sua torre esbelta nos pode captivar dias e dias!

E a igreja de Or San Michele, com as suas estatuas? E o Battistero, com as suas portas de bronze! E a catedral de S. Maria del Fiori? E S. Maria Novella? E os jardins Boboli?

E tudo isto sem entrar nos edificios, sem procurar as maravilhas da arte das galerias, dos palacios, dos museus, das igrejas, tudo isto e muito mais oferecido bizarramente aos olhos de quem passa, educando a vista, elevando as almas, n'uma escola de beleza.

Nas tardes de primavera, quando o sol,



descendo, envolve Florença n'uma névoa de ouro, seguir lentamente pelo Lungarno e ver o rio, ainda farto de agua, d'um verde indeciso, doirado tambem, estender a sua longa fita, atravessada por seis pontes, deixa na memoria uma recordação suave e penetrante, como esta que eu sinto, em que fluctua não sei que ternura e que saudade.

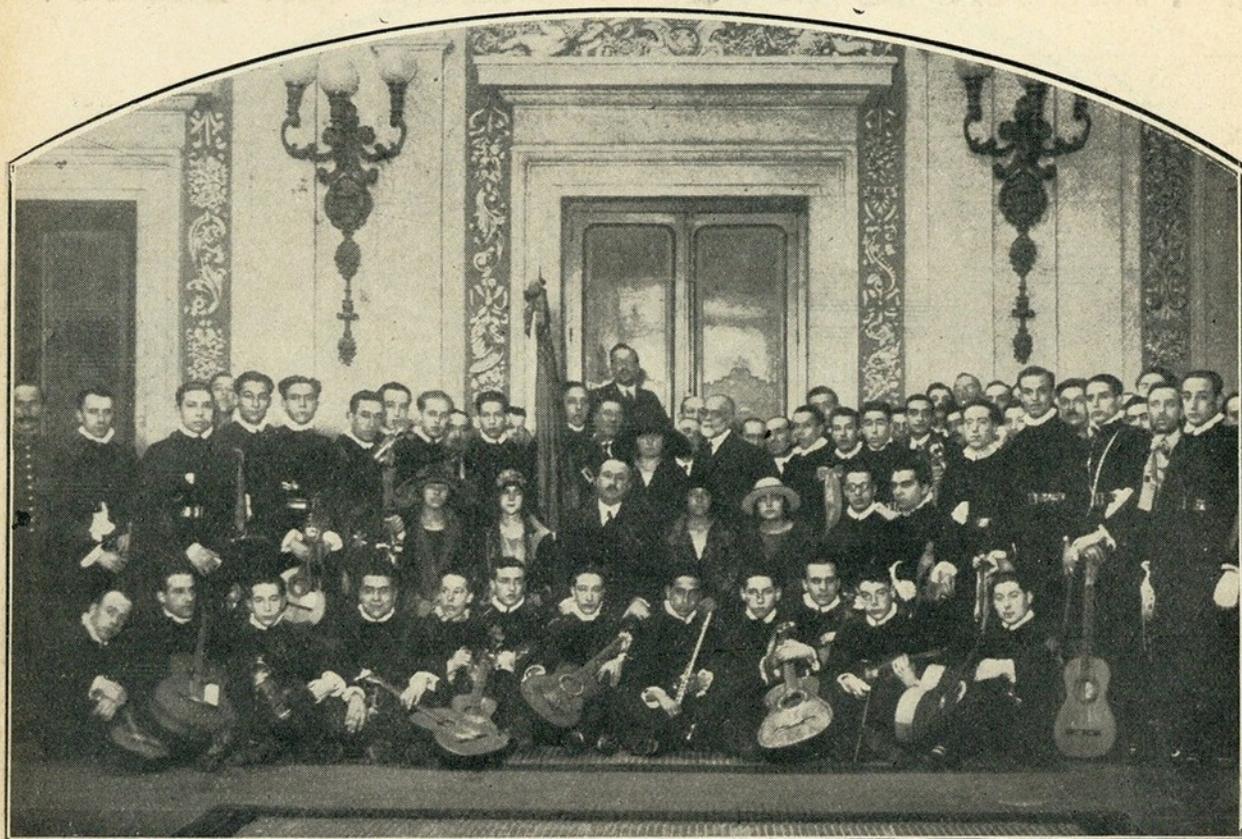
Muito se tem dito de Florença, e grandes artistas da palavra têm contado e *cantado* a sua beleza, mas creio que, sempre, tanto os orgulhosos como os mais modestos sentiram que muito lhes ficou por dizer.

A memoria é como um lago tranquilo — lança-se-lhe uma pedra e o choque forma um circulo na agua, e outro e outro, alargando-se indefinidamente...

O fio das minhas recordações, ás vezes emaranhado e partido, quem pudera reatolo lá, n'essa distante e encantada Florença, de onde ha tanto partiram os meus olhos deslumbrados!...

MARIA DE CARVALHO

ESTUDANTINA MADRILENA



Os estudantes da Universidade Central de Madrid que vêem a Lisboa pagar a recente visita, áquela cidade, dos academicos portugueses. Junto á bandeira, o alcalde madrileño



Uma aluna da Universidade colocando na bandeira, os laços representativos das diversas Faculdades, oferecidos pelo alcalde de Madrid, que tambem figura nesta fotografia

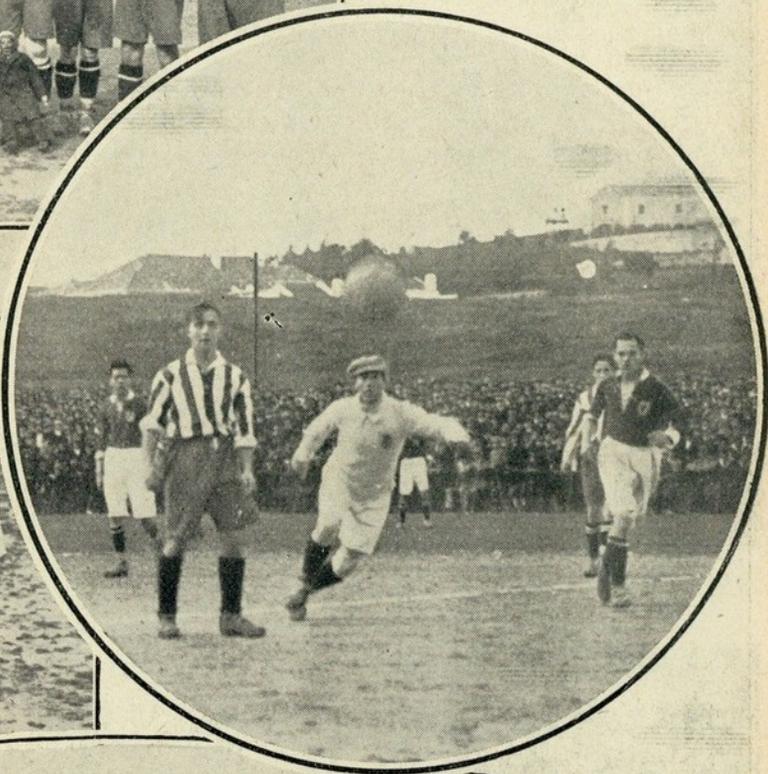
(Clichés J. Vidal, Madrid.)

O Athletic Club de Madrid, em Lisboa



*Aspectos dos encontros
com o
Sport Lisboa e Benfica*

O onze madrileno



*Os capitães dos dois teams e, ao centro, o árbitro do
1.º encontro*

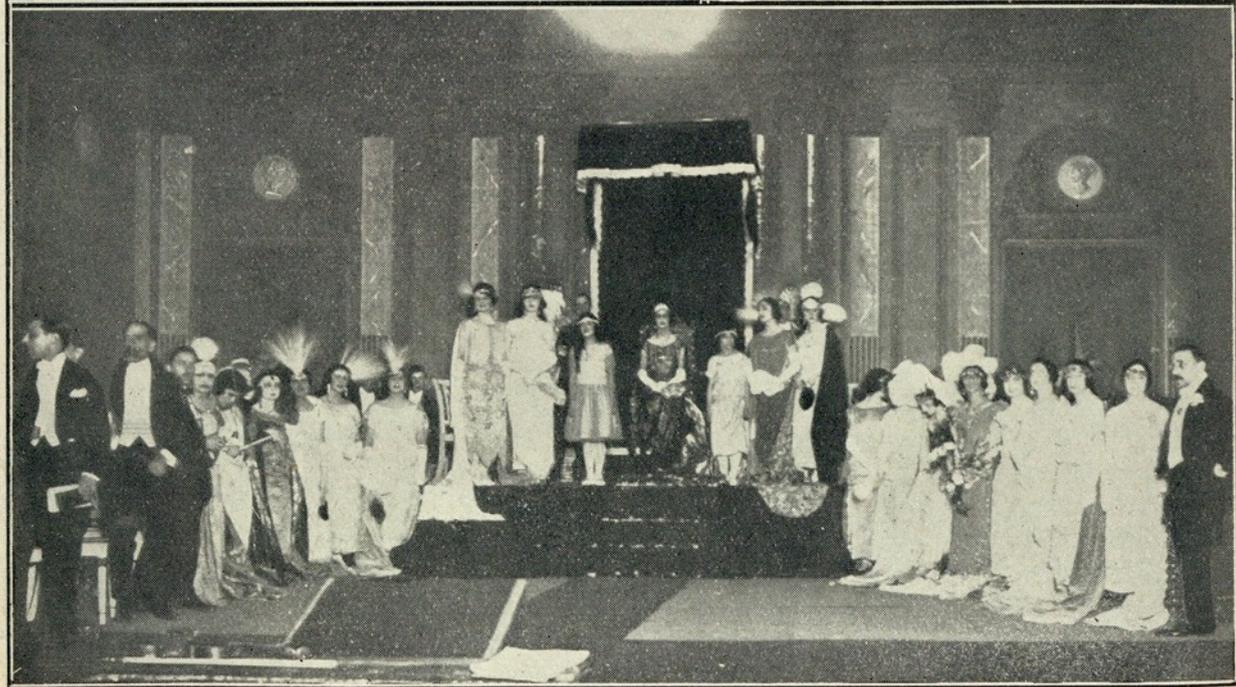
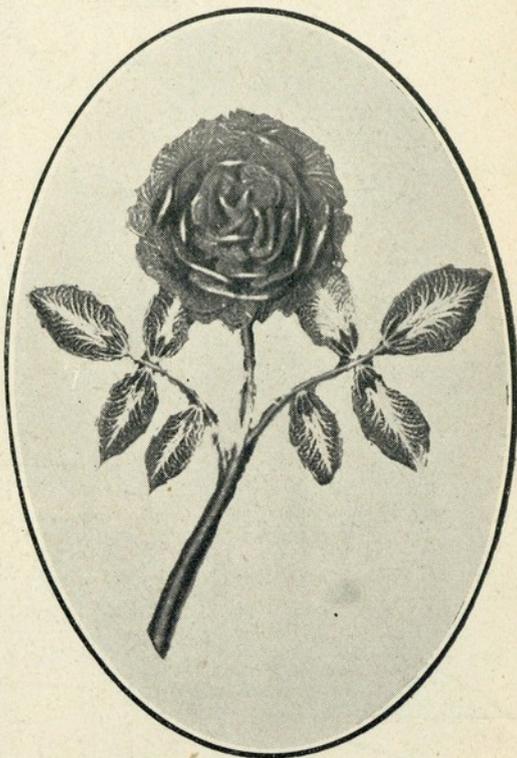
(Vide secção sportiva)

*Uma feliz saída de Francisco Vieira, guarda-réde,
do S. L. B.*

Outra fase do jogo

JOGOS FLORAES DE GAIA-SCIENCIAS

BRILHANTE SARAU LITERARIO EM BENEFICIO DAS FLORINHAS DO LAR, PROMOVIDO POR UMA COMISSÃO DE JOÃO, DO PORTO, NO DIA 16 DO MEZ FINDO SENHORAS E REALISADO NO TEATRO

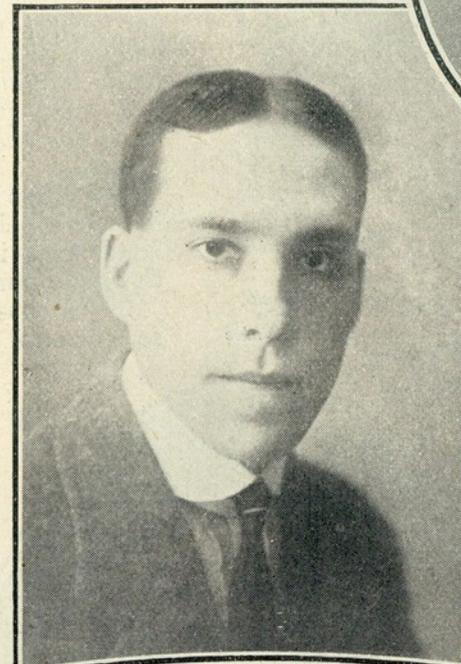
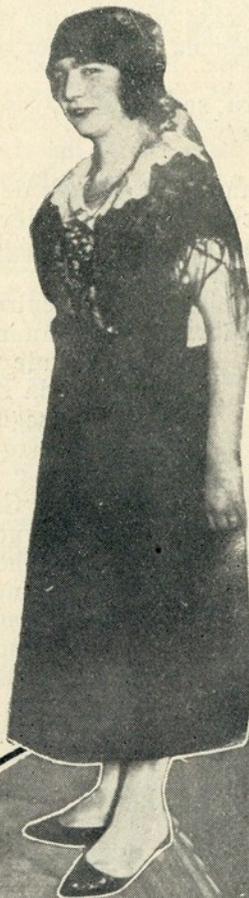
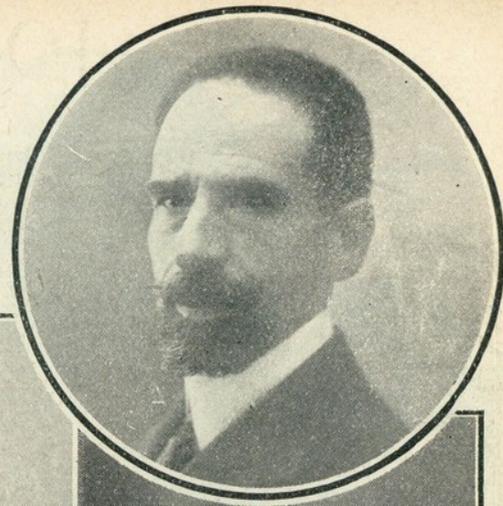


A rainha dos Jogos Floraes, sr.^a D. Maria Emília Lambertini Magalhães, no respectivo trono

A Rosa de Ouro, premio atribuido á Rainha da Festa

A Rainha, a sua cõrte e os poetas que recitaram versos, vendc-se, á direita, o sr. dr. Cunha Costa, discursando

AS FLORINHAS DO LAR, PROMOVIDO POR UMA COMISSÃO DE JOÃO, DO PORTO, NO DIA 16 DO MEZ FINDO



D. Maria Isabel Valado, uma das figuras da opereta Jogos Floraes

O poeta João de Souza, premiado com a Saudade de Ouro

Os poetas Campos Monteiro (no medalhão) e Reis Souza premiados, respectivamente, com a Saudade de Oiro e a Margarida de Prata

Os personagens da opereta "Jogos Floraes, que constituiu a 2.^a parte do sarau (Clichés André Moura.)

Estrelas, e "Azules," do Cinema



Um dos ultimos retratos da famosa estrela Pearl White

modica remuneração de 1.500.000 dollars, por ano, acrescida da quantia de 500.000 dollars, pagaveis na época em que o contracto terminar!

E' caso para se dizer: *O valor não se mede aos anos!*

— Quando num dos studios de Roma, se filmava a pelicula *Quo Vadis*, devido a uma lamentavel imprudencia, um figurante foi devorado por um leão.

Os responsaveis do facto, entre os quaes se encontra Gabriellino d'Annunzio, filho do grande poeta, fugiram da Italia, sendo perseguidos pela justiça daquele paiz.

— W. Griffith renunciou, no seu ultimo trabalho, ao grande esplendor duma magnifica *mise-en-scène*, voltando á simplicidade tão característica das suas primeiras obras.

Trata-se duma orfã, Bersie Williams, que a vida ameaça conduzir ao caminho da miséria, e talvez, mesmo, da desonra, e que um rapaz rico, depois de a ter perseguido, para a tornar sua amante, consegue salvar com uma proposta de casamento.

Eis esquematizada a acção da *Rosa Branca*, que a United Artists ha pouco acabou de filmar.

Griffith — segundo os jornaes estrangeiros — poz de parte toda a complicação dos grandes cenarios, para se preocupar, sómente, em *aguarrelisar*

Huguette Duflos, classificada entre as primeiras vedetas femininas do cinema



EM virtude dos sucessos obtidos pelas creanças no *écran*, os directores dos grandes studios americanos procuram activamente, lançar novas vedetas, capazes de competir com os já consagrados nomes de Mary Osborne, Régine Dumien e Jackie Coogan.

Eis que, na verdade, uma nova estrela aparece no firmamento cinematografico, Baby Peggy, cujo verdadeiro nome é Peggy Montgomery.

Baby Peggy, de quem, hoje, publicamos duas fotografias, acaba, com efeito de ser contractada por uma importante firma americana — contracto esse firmado pelo espaço de tres anos — pela

com requintes de arte e existencia de Bersie: nada de mais puro, nada de mais verdadeiro e nada de mais simples. Será este o melhor trabalho do grande *metteur en scène*?

— Jacques de Baroncelli obteve mais um grande exito com a exhibição do seu novo trabalho, a pelicula intitulada *Nêne*.

O entrecho do film segue de perto o romance do mesmo nome, de Ernesto Péronchon.

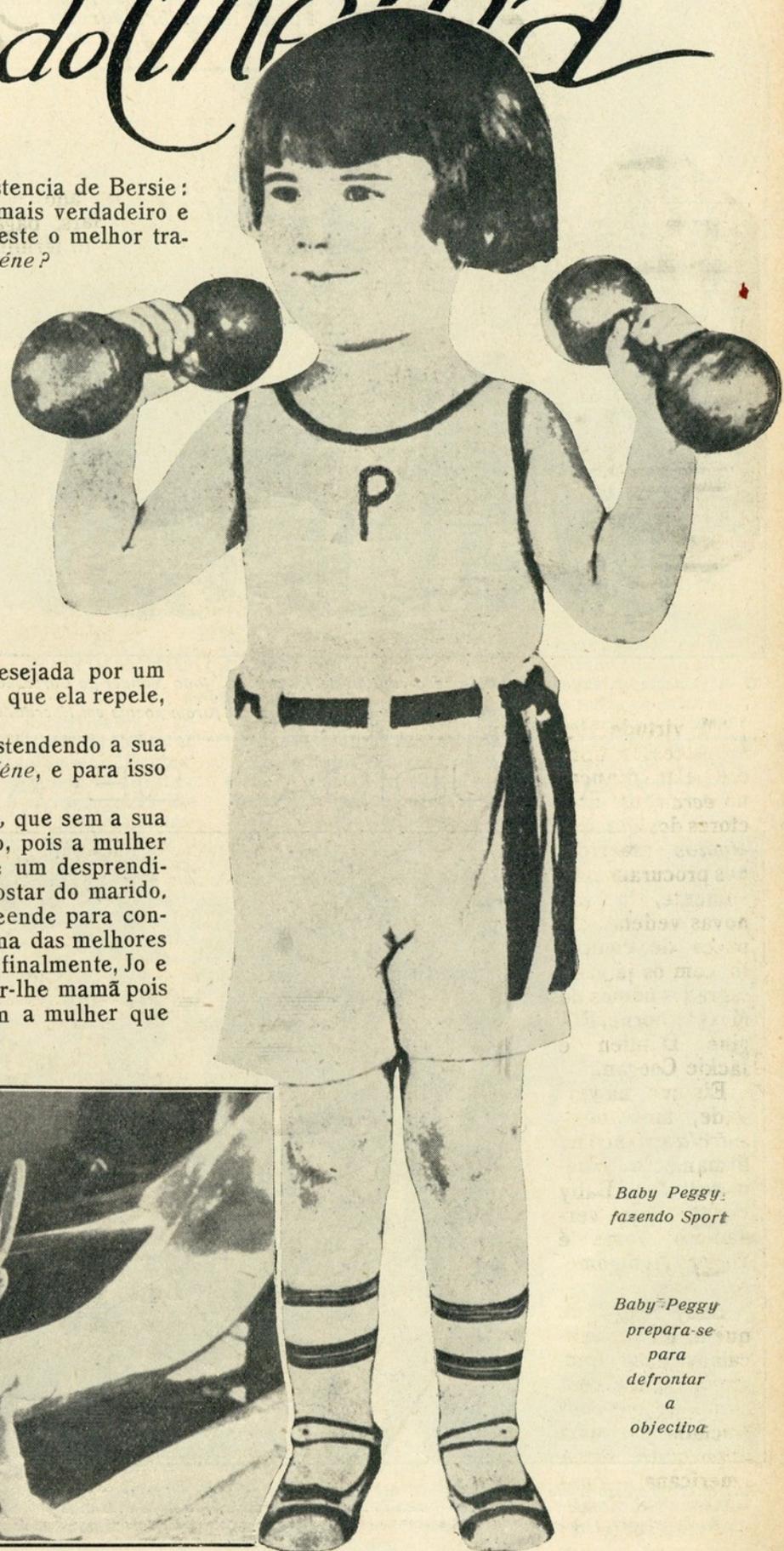
Nêne é o nome por que duas creanças, Jo e Lalie, tratam Madalena, não criada, mas, segunda mãe, tomada ao serviço da casa de Miguel Corbier, pouco tempo antes da morte de sua mulher.

Porém *Nêne* é amada e desejada por um creado da herdade, Boisseridt, que ela repele, constantemente.

Boisseridt jura vingar-se, estendendo a sua vingança a João, irmão de *Nêne*, e para isso procura roubar-lhe a mulher.

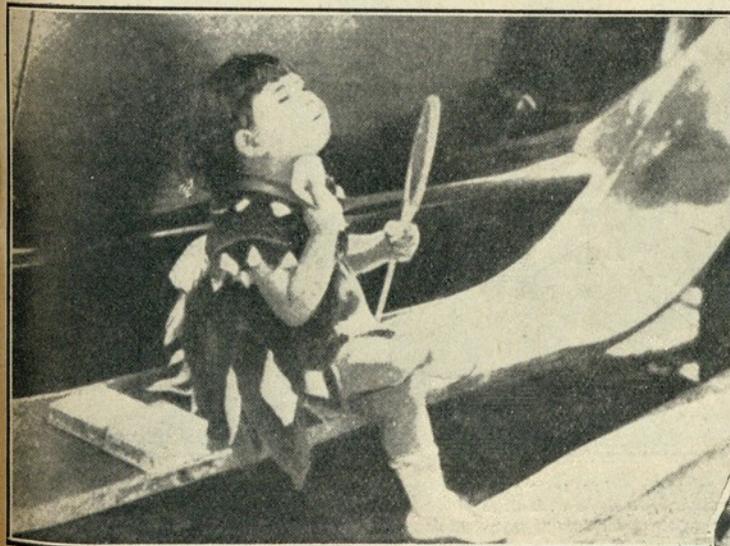
Nêne transtorna lhe o plano, que sem a sua intervenção seguiria bom rumo, pois a mulher de João é duma futilidade e de um despreendimento, que bem provam não gostar do marido.

A luta que Boisseridt empreende para conseguir os seus fins constitue uma das melhores fases do film. *Nêne* triunfa e, finalmente, Jo e Lalie podem, á vontade chamar-lhe mamã pois que Miguel delibera casar com a mulher que tanto estima os seus filhos.



Baby Peggy, fazendo Sport

Baby-Peggy prepara-se para defrontar a objectiva



Amnistiados pelo Parlamento

Os officiaes e marinheiros comprometidos no movimento de 10 de dezembro foram devolvidos á liberdade no dia 1 do corrente



O 1.º tenente sr. Travassos Valdez e o capitão de fragata sr. João Manuel de Carvalho (no medalhão) saindo de S. Julião da Barra
Grupo de marinheiros que também foram postos em liberdade

UMA AUDIÇÃO DE ALUNOS



Adistinta professora de piano, sr.^a D. Maria Queiroz, cercada pelos seus alunos, por ocasião da interessante audição realisada, em sua casa, faz hoje oito dias

(Cliché Salgado.)

NA Trindade subiu á scena, para nela viver sómente o espaço de tres noites, a peça *A Avalanche*, de Armando Ferreira, estreia deste illustre critico teatral como autor dramatico. Se bem me lembro do que li numa entrevista concedida ao *Diario de Lisboa* nas vespersas da primeira representação, Armando Ferreira entende que não basta criticar, pois que é mister demonstrar tambem que se sabe não só como se faz uma peça, mas egualmente que se é capaz de fazê-la. E daqui o meter ombros á empreza... A necessidade, para ser um critico competente, de ingressar no gremio dos autores — dos bons, já se vê — nunca foi até agora provada. O que pelo contrario se provou com *A Avalanche* pode resumir-se assim:



A PROPOSITO
DE
“A AVALANCHE”,
DE
ARMANDO FERREIRA

Um critico vê, muitas vezes, o argueiro no olho do visinho e não nota o cavaleiro, no seu, quando se atreve ás cavalarias de autor. Evidentemente que não existe incompatibilidade manifesta e insanavel entre o fazer criticas e o escrever peças. Em França, essa accumulção não tem sido nem ainda agora é rara. Autores ha que começaram como criticos e criticos existem que principiaram como autores. Obrigação, porém, de ser dramatasta para que se disponha de autoridade como critico, isso é que não nos parece doutrina plausivel, porque, se o fosse, todo o critico de artes plasticas teria de saber pintar, esculpir, gravar, etc., e todo o critico musical de saber compôr e até tocar os variadissimos instrumentos que constituem uma orquestra ou uma filharmonica...

Se Armando Ferreira, critico estimado pela sua argucia e pela sua independencia, etambem temido pela sua severidade, entendeu que tinha o dever, para fundamentar merecimentos e justificar sentenças, de produzir peças,—laborou em profundo erro, como os factos demonstraram, sem que, comtudo, lhe possa ser negado o valor de critico, excepção feita dos arriscados momentos em que se entrega á auto-critica... Porque Armando Ferreira, ao escrever *A Avalanche* e ao fazê-la representar, não se limitou á demonstração das qualidades, ou falta de qualidades, como comediografo: foi mais longe e fez a critica, embora imperfeita e naturalmente cheia de parcialidade e indulgencia, da sua mesma obra, e ainda a critica das criticas que lhe dedicou a imprensa...

Armando Ferreira confessa que só depois de ver «de pé» a sua peça teve ensejo de lhe descobrir os erros... Semelhante confissão abonaria pouco a sagacidade de quem a emitiu, se não verificassemos que a circumstancia de lhe pertencer a parternidade de *A Avalanche* foi a razão de se enganar a respeito da propria obra, não a considerando senão em manuscrito. Armando Ferreira, para ajuizar dos meritos de uma peça de teatro que não seja sua e das probabilidades de exito que porventura a favoreçam, decerto não precisa de vê-la «de pé», quea dizer desempenhada no palco. Basta que a leia e releia com atençaõ e que conheça as condições que os interpretes possuem para lhe insuflar vida scenica. Mas no seu caso era pae e não critico...

Armando Ferreira reconheceu erros e defeitos em *A Avalanche* apenas apos a representação do drama e entre eles o do estilo que «não é a linguagem falada», consoante declara. Mas acrescenta que, se a peça assim foi escrita, foi «porque o quiz». Como se compreende que o autor delibereadamente errasse o estilo, se nenhuma vantagem, antes pelo contrario, adviria de semelhante procedimento?! «E' um erro», ele o diz, mas «que se poderia defender facilmente». Foi pena que Armando Ferreira, na auto-critica da *Capital*, se abstivesse de produzir a defeza do seu «erro» propositado, se bem que ele afirme que no original não ha «uma palavra ou uma atitude que não esteja justificada». Ora, se todas as palavras

de *A Avalanche* se justificam, na propria peça, como concorda o autor em que está errada a linguagem?!

De todas as criticas criticadas pelo autor de *A Avalanche* uma houve que ele aceitou como «inteligente» e parece que foi a unica: a do *Correio da Manhã*. O critico do referido jornal afirmou que a peça é «desconexa, falsa e um pouco fóra da moralidade». O autor aceita o juizo, sem protesto, antes qualificando-o de consciencioso, e nós, neste ponto, estamos de accordo. Mas para que escreveu Armando Ferreira uma peça falsa e desconexa, se tinha em mira aquella intenção de provar que é necessario ser autor,—e, já se vê, digno de tal nome—quando se faz critica?! O que sem duvida, ficon assaz provado foi que nem todo o critico tem a agudeza de visão e a serenidade indispensaveis para realisar a auto-critica. Se Armando Ferreira a tempo se tivesse convencido de que era falsa e desconexa a sua peça, mandava a proibidade literaria que se abstivesse de a trazer á luz da ribalta. A não ser que o autor propositadamente a construisse falsa e desconexa, porque «assim o quiz», como declara que aconteceu com a linguagem, que reputa «um erro»... Mas um critico, que pretende patentear o seu talento de dramaturgo, acaso logrará impô-lo a nossa admiração e ao nosso aplauso escrevendo uma peça em linguagem errada e construindo um drama sem verdade nem conexão?!

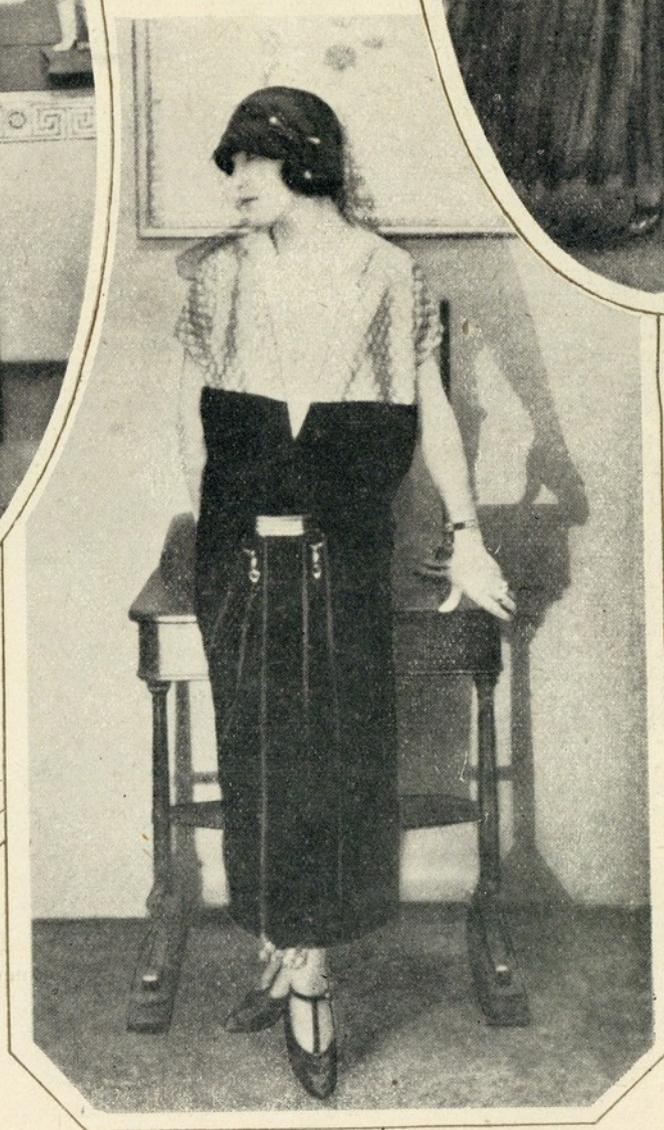
Afinal, Armando Ferreira—queremos fazer-lhe esta facil justiça—errou, como outro qualquer, comquanto involuntariamente. Nem por instante acreditamos que ele, critico honesto, ainda quando faz humorismo, alguma vez pensasse em ludibriar-nos. *A Avalanche* é uma tentativa infeliz, sob varios aspectos. A despeito, porém, das suas deficiencias, dos seus erros e tambem das suas pretensões, denuncia facultades que, decerto, hão de brilhar na hora em que o critico-autor se decidir pelo trabalho indiscutivelmente serio, isto é absolutamente probó—o que não sucede com *A Avalanche* cuja idéa fundamental, para se desenvolver com a logica, o vigor, a harmonia reclamadas pela autentica obra de arte dramatica, exigia, pelo menos, a verdade, a conexão e a linguagem que Armando Ferreira menosprezou ou trocou com coisas minimas, quando são, de todo o ponto, essenciaes.

Pageina Elegante



NESTE instante, o que mais preocupa a mulher ciosa da sua elegancia são os chapéus.

Para tranquilisação dos espiritos sobresaltados com a possível alteração da moda incompatível com os chapéus em bom uso que as senhoras previdentes guardaram do ano



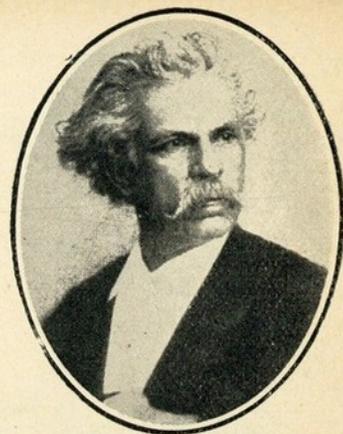
passado, devemos dizer que a linha geral dos chapéus de primavera não acusa, pelo menos por enquanto, modificações sensíveis, pelo que, os mesmos modelos poderão ainda fazer bela figura

Ha Muitos Anos...

CANTOU-SE, pela primeira vez, em Lisboa, no teatro de S. Carlos, a opera do maestro brasileiro Carlos Gomes, *O Guarany*, em abril de 1880. Ha, portanto, o melhor de 44 anos. Antes já a mesma obra se cantára no Scala de Milão, onde fôra estreada, em 1870, e no Convent Garden, de Londres, obtendo, em ambos esses grandes teatros o mais assinalado successo.

Tambem em S. Carlos o exito foi dos mais lisongeiros, já em relação á partitura, já ao desempenho, já á montagem que eram excelentes. Avaliar-se-ha daquele (do desempenho) sabendo se que as primeiras partes foram desempenhadas: *Pery*, por Tamagno, *Cariqui dos Aymoni*, por Pandolphini e *Cecy* por Borghi-Mano; e, quanto á montagem, que os respectivos scenarios figuraram entre os melhores pintados pelo grande Manini.

A opera *O Guarany*, cuja sinfonia ainda hoje é frequentemente executada, com successo, em concertos, é inspirada no romance do mesmo nome de José d'Alencar, recentemente reeditada pela Secção Editorial de *O Seculo*.

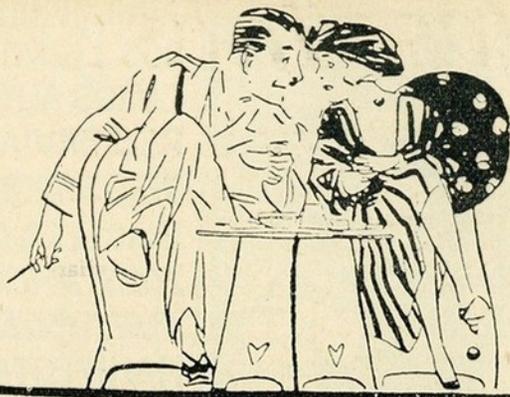


Maestro Carlos Gomes



Os personagens da peça e o scenografo (croquis de Rafael Bordalo e uma das scenas da mesma peça (croquis de Manoel de Macedo)

(● Occidente, n.º 56.)



ROXANA—Poderíamos—se é que não deveríamos, dada a nossa incompetência na especialidade—objectar-lhe que não temos consultório aberto de psicologia. Nem de qual-quer outra coisa, limitando-se esta secção á apreciação, e essa mesma também incompetente, dos originais com que os nossos leitores nos distinguem. Fora d'isto apenas fornecemos umas que outras informações, quando nos pedem e podemos fornecer-las, mas não de carácter científico.

Por excepção, porém, e bem ressaltado que o fazemos a simples título gracioso, sem qualidades—nem pretensões—para impormos a nossa opinião, responderemos, ás suas perguntas nos seguintes termos:

Psyché—Começa por não ser apenas um nome, em relação áruela por quem o Amor se derreteu. Se era filha do Sol, não se havia, etc, de derreter... Foi assim chamada, a sobre-dia, porque simboliza a alma em transe de dar em droga (permita-se-nos o plebeísmo...) mas que, após sucessivas provas, como que se diviniza.

Ora, sendo psuckhe a palavra grega que significa alma, oferece-se mais que provavel, á nossa inopia, que Psyché tenha a mesma origem etimologica que psico, psiquiatria, etc. E, sendo assim, deverá ler-se psíquê e não psixê. A verdade, porém, é toda a gente pronunciar psixê e, nos dicionários que temos presentes, com pronuncia figurada, não vemos indicação para que se leia ou pronuncie d'outra maneira.

Acresce, ainda, não ser portugueza a desinencia e, assim, oferecendo-nos um desses dicionários a forma psychea (X) ramos mais por ela, com a condição de pronunciarmos psiquêa.

Não nos responsabilizamos, contudo, por que, se adoptar o nosso parecer, os ignorantes o não critiquem e os eruditos não hajam, ao senhor e a nós, por ignorantes...

Portanto, pronunciará como entender.

Sobre a palavra desvalida é que não restam duvidas. Lê-se desvalida (acento tónico em o i).

Amnistia não se pronuncia amnestia nem anistia, mas exactamente como se escreve, ou deve escrever: amnistia, (am-nístia, marcando apenas o m.) A grafia anstia é absolutamente errônea, como a ginásio e de outros vocabulos que se encontram no mesmo caso.

Represalia lê-se reпреzalia. Também não sofre discussão. Em Berromeu nunca ouvimos falar. Quer e trate do arcebispo de Milão (S. Carlos Borromeu) ou das Ilhas Borromeas é sempre bor e não ber. A menos que algum devoto do santo, para evitar o cacofonia, lhe alterasse a grafia do nome—ou para lhe dar mais ressonancia, transformando o borro em berro...

Quanto a recompilar não registam, os dicionários de que dispomos, este termo. Sim, recopilar e compilar, como sinónimos ou coisa parecida. Derivando, porém, compilar do latim compilare, não repugna á nossa sensibilidade... gramatical, aceitar a forma recompilar, desde que lhe ligemos sentido diferente ao daqueles dois vocabulos. Assim, querendo designar a repetição d'uma compilação ou recompilação, não hesitaremos em escrever recompilar, ou recompilação.

Mas a ignorancia, como se sabe, é muito atrevida. Portanto, será prudente não fiar demasiado na nossa...

ZELDA—Versejando como poetisa que é, deveras, apenas na tecnica fraquejam alguns dos seus versos. Nomeadamente os dos Sonhos que V. Ex.^a, revendo, melhorará sem dificuldade de maior. Chamamos-lhe a atenção para os seguintes, em especial:

Perfumado jardim cheio de esperança florida

Cheio de luz e magia, cheio de paz e doçura

Bem sabemos que ha quem conte, em cheio, apenas uma sílaba. Mas fica tão mal ao ouvido...

Mostrava-me, a sorrir, as estrelas na amplidão

Mostrava-me, a sorrir, as estrelas fulgurantes

com sílabas a mais.

Atém d'alguns outros.

A barquinha do rio, pareceu-nos bem; muito interessante mesmo. E o Pôr do Sol parece ligeiras alterações, na ultima quadra, ás quates, se nos permitir, nós mesmos faremos.

Aguardaremos, sobre todas estas observações, ás suas ordens e, pedindo-lhe que, de futuro, escreva só d'um lado do papel e cada poesia em separado, cumprimentamos-a sobretudo pela inspiração que, sem sombra de favor, é invulgar.

ONDE SE CONVERSARA' COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TU DO E O MAIS QUE OCORRER.

PROTECTORA DOS ANIMAES—Que idéa, minha senhora; cacar não é pecado. E' preciso não levar a bondade ao extremo de a transformar em sentimentalidade piegas.—D.

ATLETA—Realmente os saltos baixos, agora em voga, não são tão elegantes como o salto alto dos diversos «Luizes». Especialmente as pessoas que, como V. Ex.^a, não tenham o peito do pé alto, ficam bastante prejudicadas com esta moda. Dever fazer o possível para desenvolver os musculos do pé e, para isso, aconselho-lhe que ande na ponta dos pés, não á moda das baútarinas, mas colocando os dedos em cheio no solo, de maneira a ficar o pé numa posição quasi direita. Se se exercitar nesta forma de andar, todos os dias, de cinco a dez minutos, verá que os pés adquirem-lhe em breve maior elegancia.—D.

SARA—Com muito prazer lhe envio a receita dos pasteis de Santa Clara:

Amassam-se 900 gramas de farinha em 5 decilitros de agua até despegar da taboa á força de bem amassado; estende-se á massa, com o rôto, até ficar muito delgada, corta-se em formas redondas e deixa-se secar sobre a taboa, enquanto se faz a especie, da seguinte maneira:

Ensopa-se em agua o miolo de um pão, espreme-se bem e deitam-se para dentro: 7 decilitros de calda de assucar, em ponto de fio, com 115 gramas de amendoa pilada e pizada e 58 gramas de farinha. Tira-se do lume quando a massa estiver grossa, juntando-lhe uma duzia de gemas d'ovos.

Enchem-se, com este recheio, os pasteis, dando-se-lhes a forma oblonga.—D.

ATORMENTADA—As petes pretas atraem pouco as traças, portanto, será suficiente embrulha-las em papel de jornal ou papel pardo. No entanto, para maior segurança, pode salpicar o papel que as envolve—não molhando as petes—com formol. Como é um desinfectante muito forte, basta uma pequena quantidade de cada vez. A melhor forma de o espathar é por meio de um pulverizador.

Para verificar se as petes são de cor natural ou tintas separa-se a pelo: se a pele que está por baixo for branca, é porque as petes não levaram preparo.—D.

UMA AUTOMOBILISTA—O casaco ideal para os automobilistas é o de oleado ou de uma petica fina, estampada de maneira a parecer pele de crocodilo. Mas, os desta qualidade, são muito dispendiosos. O chapéu deve ser do mesmo material.—D.

UMA DONA DE CASA—Experimenta-se o forno da seguinte forma: Mete-se um bocado de papel e, se ao fim de tres minutos rier preto, o forno está quente de mais. Se rier tostado, está a uma boa temperatura para pão e massas; se casinho claro, pode servir para pastéis e bolos grandes; se apenas levemente atorado, está bom para pão de leite.—D.

E' MA'?—Quanto ao conto já está respondido; á vaísa, queira remeter. Dirá de sua justiça, quanto á respectiva publicação, quem de direito—ou antes, com competência para isso.

JULIO VALFLOR—Conto e quadras ficam aguardando a sua altura para serem publicados. E, pois que os seus trabalhos não são de natureza a ser recusados, dispensar-nos-hemos, de futuro, de lhe comunicar a respectiva acceitação. Fica entendido que só a falta de espaço lhes demorará a publicação.

ASPIRANTE—Sim senhor, o Dicionário de rimas, de Castilho, contém regras de metrificação que habilitam a versejar. Não se iluda, porém. Versejar, mesmo correctamente, não é ser poeta. Portanto, se a pira a sel-o, pe de o seu tempo, por esse caminho. Se é apenas aspirante da... alfandega ou d'outra qualquer dependencia burocratica do Estado, está bem. Será uma maneira como outra qualquer de entreter os lazeres de braços caídos ou levantados...

J. B. dos S. (LOULE)—Embora a sua Saudade eterna possua o sentimento do luto caso que glosa, literariamente não está em termos de ser publicada. O sonetinho sofre da mesma deficiencia literaria.

DIDA—Chegou tarde o seu soneto e, agora... só para o ano. Não lastimará, V. Ex.^a, o atraso, mais que nós o lastimamos.

AUTO DA NATIVIDADE, por Luís Cardim

Para algumas alunas do Liceu Feminino do Porto (de Sampaio Bruno) o representarem no Natal de 1923, improvisou este *Auto da Natividade* de o professor e poeta Luis Cardim, tendo expressamente escrito a musica o maestro José Cassagne. Pode, sem lisonja nem exagero, considerar-se uma pequena obra prima o admiravel improviso, de sabor vincentino, em que se celebra o nascimento de Jesus e em que interveem pastores e anjos. Os versos deliciosos, lusitanissimos; os pensamentos expressos pelos zagaes, descortinando a estrela que os conduzirá ao Presépio, cantam os louvores d'Aquele que vem redimir o mundo e instaurar o reino do amor... Nas casas de educação onde não dominar a fobia cristã estamos seguros de que o *Auto da Natividade* por Luiz Cardim será acolhido e adotado como uma das mais belas e encantadoras produções que se podem confiar ao desempenho de creanças, na época propria em que se comemora e festeja o natal do Redentor. Foi o *Auto* primitivamente publicado em *A Águia*, fazendo se uma linda separata que a Renascença Portuguesa editou e que tem o seu logar marcado em todas as estantes cuja selecção se faça com escrupulo,

RECORDANDO, memorias por Pedro Cabral

Pedro Cabral, actor, ensaiador, autor e tradutor, sob todas essas feições aplaudido, com uma longa carreira scenica na qual não faltaram justificados triunfos, escreveu as suas memorias e publicou-as num pequeno volume intitulado *Recordando*. Como subsidio para a historia do teatro portuguez contemporaneo, encerra o trabalho de Pedro Cabral muitas notas ineditas e valiosas. Predominam, naturalmente, as auto biograficas, convindo acentuar que nestas desenfastiadas paginas se advinha um bom caracter, pois que foram banidas todas as recordações desagradaveis que do espirito do autor decerto se não apagaram, para apenas se arquivarem lembranças gratas e se fazerem amaveis referencias. Os artistas que, a exemplo de Pedro Cabral, redigirem as suas memorias prestam um bom serviço. Se algum reparo temos a fazer sobre este genero de publicações entre nós, é o de serem talvez deficientes em pormenores relativos aos contemporaneos dos memorialistas e sobre os quaes estes podiam depôr com conhecimento de causa. Aludimos—claro está—a actores e autores com quem eles lidaram e de cuja vida profissional e de cujo feito pessoal escasseiam, amiude, informações interessantes. O livro de Pedro Cabral tem obtido, segundo nos consta, um apreciavel exito.



Pedro Cabral

nas se arquivarem lembranças gratas e se fazerem amaveis referencias. Os artistas que, a exemplo de Pedro Cabral, redigirem as suas memorias prestam um bom serviço. Se algum reparo temos a fazer sobre este genero de publicações entre nós, é o de serem talvez deficientes em pormenores relativos aos contemporaneos dos memorialistas e sobre os quaes estes podiam depôr com conhecimento de causa. Aludimos—claro está—a actores e autores com quem eles lidaram e de cuja vida profissional e de cujo feito pessoal escasseiam, amiude, informações interessantes. O livro de Pedro Cabral tem obtido, segundo nos consta, um apreciavel exito.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS

FILHA DE LAZARO, por Norberto Lopes e Chianca de Garcia

Em separata da revista *De Teatro* veiu a lume a *Filha de Lazaro*, drama rustico em tres actos, original de Norberto Lopes e Chianca de Garcia. Não regateou a critica ao trabalho dos jovens dramaturgos os

mais merecidos encomios quando o drama subiu á scena no Politeama. Estreia verdadeiramente auspiciosa, demonstrando qualidades que desejaríamos ver dentro em breve comprovadas em novos labores teatraes, *Filha de Lazaro* tem entretanto, acção, côr local, psicologia e linguagem, sendo bem travados os dialogos e bem observados os tipos. Obra honesta e de talento, não será favor tomal-a como uma esplendida promessa e andaram com acerto os autores ao imprimi-la, pois que se lê com o mesmo agrado com que a vimos representar em maio do ano passado pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

REVOADAS, por D. Rosa Varela

E' este o quinto volume publicado pela sr.^a D. Rosa Varela, professora de instrução primaria numa remota aldeia de Cerveira. Não conhecemos os anteriores, mas por este avaliamos os meritos literarios da autora, quer quando dedilha a lira, quer quando se limita a escrever em prosa. A sr.^a D. Rosa Varela tem uma especial predilecção pelos assuntos grandiosos, pelo estilo altisonante e pelo verso alexandrino. Este erro com muita frequencia, e tambem por vezes a expressão do pensamento não possui bastante nitidez e perde-se no dedalo de palavras menos adequadas. No entanto, a sr.^a D. Rosa Varela procura, quasi sempre, a inspiração em belos temas, superiores, sem duvida, aos seus recursos de poetisa. Certas idéas filosoficas devem tambem desagradar a alguns espiritos. Em nosso parecer, a distinta professora de Loivo tinha tudo a ganhar, se submetesse a sua actividade literaria a outro criterio, quer em materia de processo artistico, quer quanto á essencia dos seus labores. Temas de maior simplicidade, metros mais faeis e mais populares, eis o que estava indicado a quem vive na aldeia, em plena natureza, no convivio da gente humilde e em permanente contacto com as creancinhas da sua escola. Escreva a sr.^a D. Rosa principalmente para elas. Cultive a literatura infantil e deixe a outros, que disponham de forte emvergadura de azas, os grandes vôos que apetece, mas para os quaes lhe não chegam as forças. Outra observação nos permitimos fazer-lhe: a revisão do seu livro e a propria gramatica sofreram maus tratos que se não compadecem com o seu nobre titulo de professora. Aguardamos novos trabalhos da sr.^a D. Rosa Varela, orientados noutro sentido e exortamol-a a que siga o nosso conselho.

A. de A.

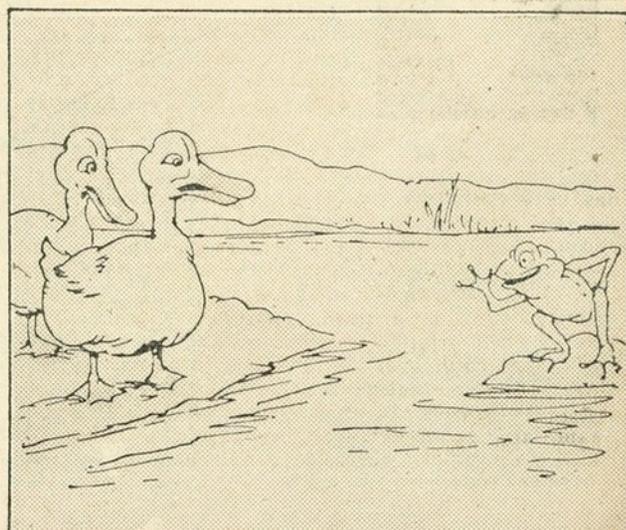
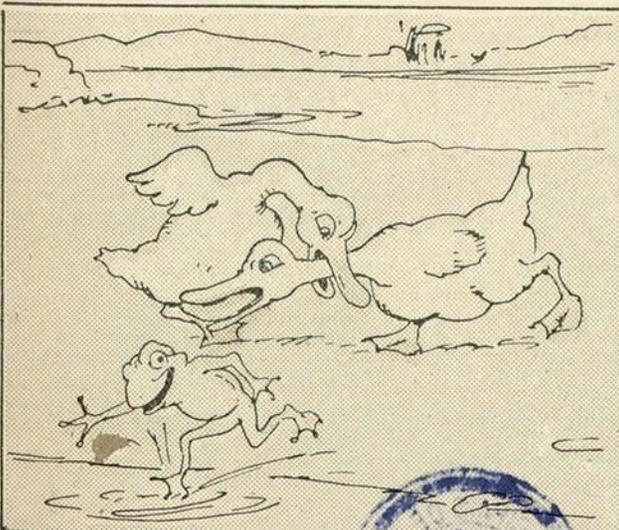
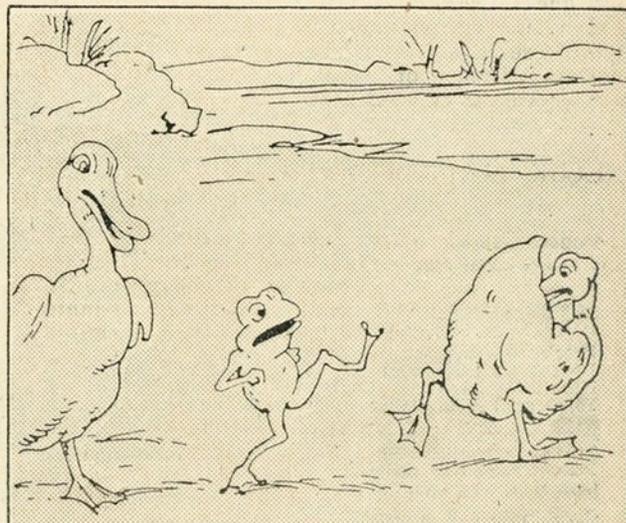
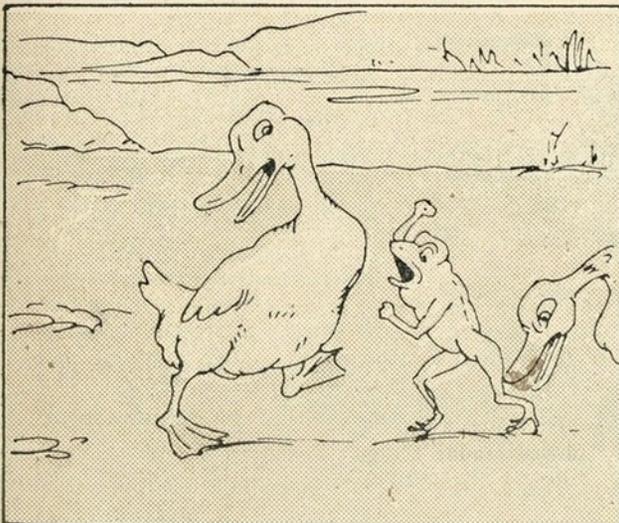
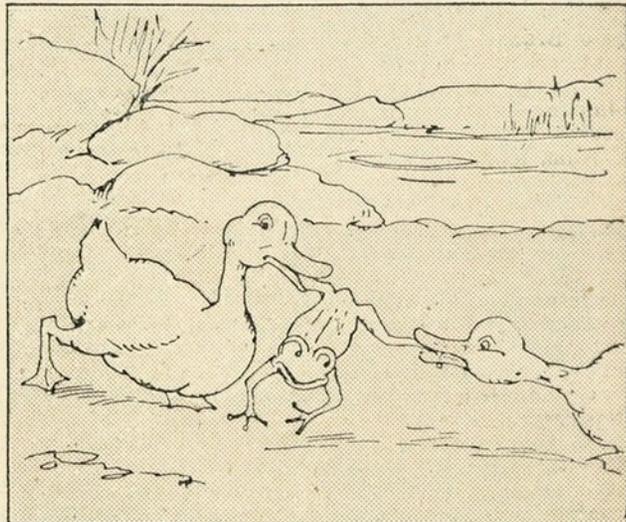
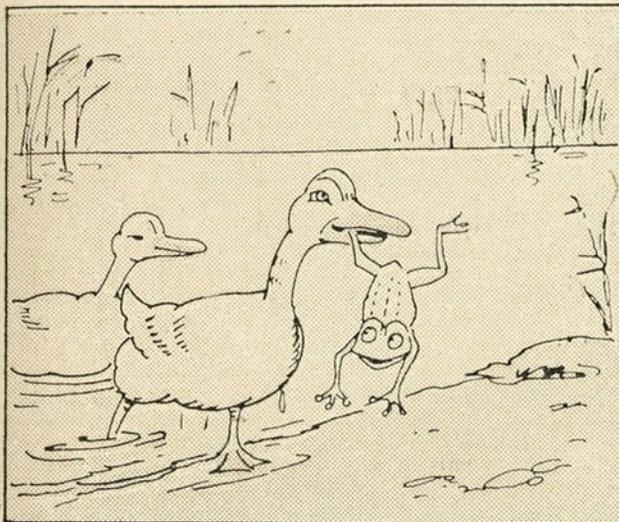


D. Rosa Varela



PAGINA INFANTIL

A Rã e os Patos





ESFINGIA



Decifrações das produções publicadas no n.º 937 visto que, por lapso, satram repetidas, no n.º 938, as referentes ao n.º 936

Enigmas: Grato—Cadeira—Soldo.
Charadas em verso: Coprolalia—Rebem.
Enigma pitoresco: Lá vem Fevereiro, que leva a ovelha e o carneiro.
Charadas em frase: Motejo—Gruaria—Tuberas.
Logogrifo: Desvalioso empregado.

Decifrações das produções publicadas no anterior numero (941)

Enigmas: 1.º (sem decifração)—2.º: Mó—3.º: Ligas—4.º: Dromedário.
Enigma pitoresco: Um ponto de interrogação...
Charadas em verso: 1.º: Notário—2.º: (Sem decifração)—3.º: Sape-Gato.
Charadas em frase: Pé cubico—Basto dinheiro—Capacidade.

*

ENIGMA

«Ao Antone Jaquim»

Sobre o Jaquim da Gertrudes.
Que é leiteiro em Santa-Fé
Cai um barril de oito almedes
Que lhe arranca logo um pé.

Já não lhe chama p'la graça
A garotada em chinfrim,
Na boca da população
Deixou de ser o Jaquim.

Tendo em dinheiro um migoalho
Comprou logo uma alimaria
P'ra o ajudar no trabalho
Daquella faina diaria.

Como o macho era sendeiro
Muito velhinho, estalfado.
Não podia co'o leiteiro
E por cima inda o canado.

Preciso foi reduzir
Do carroto uma parcela;
Não havia discutir
Sobre qual seria ela.

E num momento se via
Este todo equilibrado,
Pois o macho só podia
Com dois terços do canado...

O conjunto é bem patente
E não nos mete em baralhas...
E' preciso que acrescente
Que o macho tinha cangalhas.

Tu leitor que és mui sagaz
Tês bem o e-tojo formado:
Dum lado vai o rapaz,
E doutro, quasi um canado.

Não achas leitor galante,
(E nisto vou já pôr fim)
Que este caso interessante
Foi bem combinado assim?

Porto

Dr. Kafuso.

*

CHARADA EM VERSO

Ao Dr. Essejê.

—Então como tem passado
Lá por esse povoado?
—Como a terra é muito fria
Stou na cama todo o dia.
A's vezes já com sol alto
Lá tento da cama um salto.
Lavar-me? Não se descreve,
A agua parece neve.

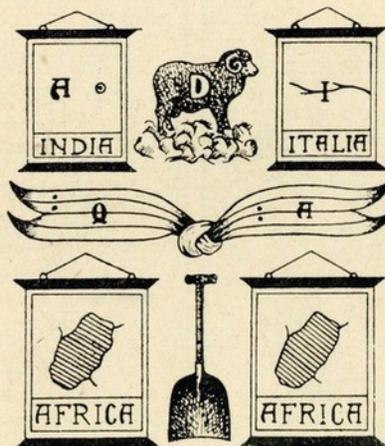
E que tortura, que medo,
Primeiro que melhe um dedo,
Que horror! Isto mata a gente.
Já tentei com agua quente
Mas depois dessa quentura
Torna-se a coisa mais dura.
Não ha que ver—eu desisto,
Com tal frio não me visto.
Carregam-me roupa aos molhos
Mas tenho frio nos olhos
Não posso ler as gazetas,
Doi-me o nariz co'as lunetas.
Mantas de lá da mais fina—2
Cobrem-me a carne mofina
Nesta frialdade eterea,
Nesta autentica Siberia—2
Que raio de habitações,
Sem conforto, sem fogões,
Quero escrever e não posso,
O frio chega-me ao osso
A pena fica parada;
A lingua entaramelada
A falar já não me ajuda.
Receio se isto não muda,
A' gue ir dar co'costado,
Já cadaver congelado...
Volto p'ra cama outra vez
Deixo-me ficar um mês
E mais dois ou três hiberno,
Até que fuja este inverno...
Passe muito bem, amigo.
Se eu resistir ao nevão,
A verdade não disfarço.
Só lá p'r fim da estação...
Sim, talvez, p'ra fins de março
Poderá contar comigo...

Porto

Zé Matuto.

*

ENIGMA PITORESCO



Lurca - Dnal, do Sphingis blul

*

QUADRO DE HONRA

S. Paio—Ziul Arierref—Violeta
—Dr. Essejê—Pam—Zé Kafuso—C. Sillel—Lajamar—Feldirio—Dr. Espinafre—Santo Iago—Alves, Pires & Fonseca—Do 16—M. R. Silveira—Sorrab—Quim & Manecas—Tio Baldo—Pinta scenas—N. N.—Dr. Pirlau—Rosa Verde—Artur Gomes—Flor de Nice—Um Braguense—Tipo lirio—Um cavalleiro respeitavel—J. R. Pires—Sota & Az

Campeões decifradores
do penultimo numero

LOGOGRAFOS

(A' «Jujú» do coração)

Tristezas quem as perdera!—8—3—5—9
7—4.

Quem pudesse dissipá-las,
Mudando as amargas falas—4—1—4—7
4—8.

Em cantos de Primavera!

Quem ao menos um instante—8—6.

Voltasse a ter alegria!
Se não fosse radiante,
Em excesso, em demasia,—10—9—5—9—4.

Que sequer fosse bôinha,—7—9—8—12—
10—11—4.

Serena, leve, macia,—4—5—2—10—4.
Quando, ao despertar do dia,
Te beijo, minha fitinha!

Porto

Dr. Essejê.

*

(Sobre o soneto bellissimo—A Anã—do infeliz poeta Alfredo Carvalhaes, fallecido no Porto em 1896 e a quem a garotada chamava o «Homem Parado»)

Era um monstro! Temiam-na as cade-
las...—19—4—5—21—2.
Já com trinta anos... e dir-se-ia infante;
1—1—6—16—6—9.
Passava as noites ao sereno, errante,—
19—18—5—10—7—22—23.
Depois dormia dos quartéis nas celas.
—19—24—15—13—16—2—12—20.

Tinha aos milhões as sardas amarelas,
As sardas da Miséria no semblante.—3
—2—14—7—8—23—12.

Alta noite, esse aborto revoltante
Enchia de pavor as sentinelas,—3—11—
17—24—21.

No entanto, as grandes almas superio-
res,
Os Cristos da penumbra, os pensado-
res,—10—20—12—15—18—1—14—5—2—8—24
—12.

Cheios de sangue e lagrimas e brilhos,

Se a encontravam dormindo em qual-
quer rua,—10—24—5—17—18—6—3—4.
Cobriam com seu manto a semi-nua...
—19—4—5—10—2—24.

Ela era vil... mas tinha quatro filhos.

Porto

Anjo.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocío.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.



AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam: teem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades
e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

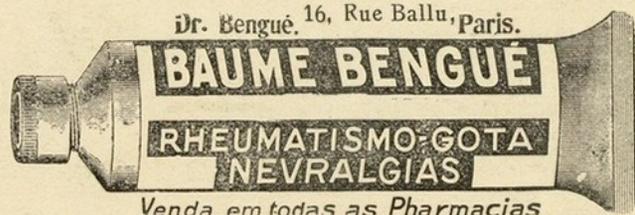
Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Telefone 3614-N.

DENTES ARTIFICIAES
Extrações sem dôr, corôas
d'ouro, dentes sem placa.
R. EUGENIO DOS SANTOS. 35. 1.



Casa Adão

CHAS, CAFÉS, LICORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MA-
DEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

—76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.ª—

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

MODAS & BORDADOS

Lêr o proximo numero do SUPLEMENTO de

Bebam

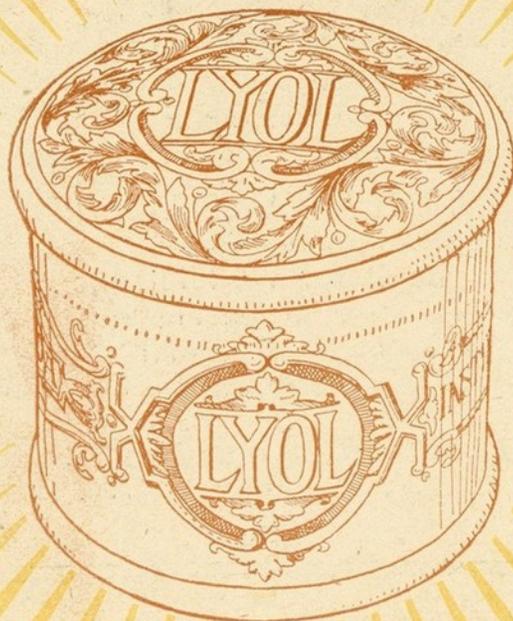
AGUA

DE

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Lêr na proxima segunda-feira, em O SECULO,
DESSPORTOS E EDUCAÇÃO FISICA



LYOL

Topico vulnerario oxigenado, antiseptico e inodoro

UNICO PREPARADO NO SEU GENERO

De resultados verdadeiramente extraordinarios no tratamento de :

Feridas

Ulceras

Erupção cutanea

Frieiras, etc.

LABORATORIOS DE FARMACIA

Instituto Pasteur de Lisboa

GRAND PRIX na Exposição Internacional do Rio de Janeiro